

Vaga urgente:

Aux. Confeitaria

C/ experiência

Interessados preencher ficha no caixa

TRÊS POR QUATRO

2010/2

33

1



# TRÊSPORQUATRO

## 2010/2

**Redação:** Ana Carolina Farias, Bárbara Gallo, Camila Cesar, Conrado Barreto, Eduardo Rosa, Francielle Caetano, Glauber Machado, Isadora Gasparin, Julia Machado, Juliana Loureiro, Karen Couto, Leila Ghiorzi, Marcela Prestes, Mariana Gil, Mônica Oliveira, Natália Blumberg e Victor Eskinazi

**Comissão Editorial:** Ana Carolina Farias, Camila Cesar e Glauber Machado

**Revisão:** Ana Carolina Farias, Bárbara Gallo, Camila Cesar, Eduardo Rosa, Glauber Machado e Natália Blumberg

**Orientação:** Wladimir Ungaretti

**Projeto gráfico e diagramação:** Eduardo Rosa e Juliana Loureiro

**Fotografia de capa:** Mariana Gil

**Impressão:** Gráfica da UFRGS

### Sumário

Antes da primeira camada de graxa .....	4
O artista oculto .....	8
Tem que ter capricho .....	11
A amiga do parto .....	12
Mãos de Tesoura: os costureiros da história .	15
O homem que faz o cinema funcionar .....	17
Ensaio .....	19
Conversas ao barulho do trem .....	23
Entrevista .....	26
Um profissional em vias de desaparecer .....	30
Claves, semáforos e consciência política .....	33
Frutas no asfalto .....	35
Na contramão .....	37
Vivendo de lado .....	39

# EDITORIAL

## Dos profissionais “invisíveis”

Em meio à correria do dia a dia, perdem-se palavras, sons, cheiros, rostos. Pessoas de carne e osso que ficam imersas nessa imensidão de informações e afazeres a que estamos expostos intermitentemente.

Não conseguimos despender a atenção merecida àquilo que nos rodeia. Ser jornalista não é apenas redigir noticiários: é se doar um pouco a cada palavra, a cada linha. É se doar um pouco em cada entrevista. É conhecer o desconhecido como um curioso em busca do tesouro perdido. É ousar para ir além das superficialidades rotineiras que são veiculadas diariamente nos “jornalões”.

Esta edição do Três por Quatro que o leitor tem em mãos buscou justamente isso: tornar visível aquilo que passa despercebido cotidianamente. Buscamos traçar um perfil de algumas profissões marginais, ou seja, aquelas que não têm destaque, que não são valorizadas ou que estão em processo de extinção. Do alfaiate à prostituta, tem-se aqui reunido um material repleto de curiosidades e características interessantes dessas profissões que parecem inexistentes para a maioria das pessoas.

Vale ressaltar que a liberdade de produção concedida pelo professor Wladimir Ungaretti, responsável pela disciplina, foi totalmente ao encontro das necessidades que tivemos para transpor esses profissionais “invisíveis” do plano do abstracionismo para o da concretude. São pessoas de carne e osso que puxam as carroças; são mulheres, na sua mais íntima fragilidade, que se prostituem para sobreviver.

Esperamos que o leitor aprecie a leitura das matérias que compõem este jornal, da mesma forma que nós apreciamos produzir cada uma delas.

Na descrição de cada profissão, um pouco de nós permanece. Jornalismo é paixão. E foi com base nesse preceito que fomos em busca do material. Boa leitura!

**Comissão Editorial**

## Jornalismo é uma atividade coletiva

Esta foi a primeira turma que não me permitiu dar a primeira aula em 20 anos como professor. Considero este o encontro mais importante de todo o semestre: é quando olhamos um no olho do outro, dizemos quem somos e a que viemos. Só havia cinco pessoas em aula.

Fiquei muito chateado e percebi nesse comportamento dos alunos resquícios de mudanças ocorridas durante o período de ditadura. Antes da repressão, ingressávamos na faculdade e percorríamos o curso todo com os mesmos colegas. A convivência permitia que descobríssemos afinidades, inimizades, quem era de esquerda, quem era de direita, quem não gostava de política. A ditadura acabou com isso, um grupo nunca é o mesmo a cada cadeira, a cada semestre, desembocando no que aconteceu aqui – alunos de todos os momentos do curso e sem nenhum espírito de turma. A ausência desse companheirismo, essencial à nossa profissão, foi o grande problema do semestre.

Apesar disso e de alguns feriados, não quero dizer que o resultado final não seja bom. Nessa edição me permiti fazer aquilo que o velho pauteiro fazia, procurei possibilitar aos meus alunos uma conexão com pessoas, figuras, histórias do passado, não apenas na entrevista central, uma pauta passada por mim, mas em quase todas as outras do jornal. Não me coloco nunca na posição de professor. Trato meus alunos como colegas de profissão, como jornalistas. A conexão com o jornalismo que fazia isso, essa ponte entre passado e presente é uma das coisas mais importantes que o leitor tem em mãos agora.

O acidente de moto também marcou este semestre. Situações limites sempre nos incitam a pensar sobre a vida, a nossa relação com o mundo e sobre o valor das coisas. Saio fortalecido, e esse momento, como tantos outros, me fez ganhar em termos de vida. Uma frase de Lou-Andreas Salomé não sai da cabeça desde então: “Se você quer uma vida, aprenda a roubá-la...Ouse, ouse tudo”. E é desse modo que vivo e que entendo o jornalismo – furtando pedacinho por pedacinho, com vontade, tesão, paixão.

**Wladimir Ungaretti**

(redigido pela Comissão Editorial)

ENGRAXATE



# Antes da primeira camada de graxa

Há histórias de vida nas cadeiras do centro e planos nas do bairro nobre  
que vão além de um engraxar de sapatos

**Texto** *Isadora Gasparin  
e Julia Machado*  
**Fotos** *Mariana Gil*

## I

Se a abordagem é o momento crucial para definir o rumo da entrevista, escolhemos aquele que parecia mais disposto a uma conversa e não apenas a responder monossilabicamente uma dúzia de perguntas. À espera de clientes, em uma manhã nublada e úmida, ele apreciava a companhia de um velho radinho de pilhas. Bastou. Nos aproximamos.

– Quanto é para engraxar a bota de cano alto?

– É 15, disse Lindolfo Batista Teixeira, 61 anos, um pouco surpreso ao ver três jovens mulheres procurando seus serviços, na Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre.

## II

Quando chegamos ao segundo andar do Moinhos Shopping, em uma das zonas nobres da cidade, não havia ninguém nas duas cadeiras sob a placa “Revitalização de Calçados”. Em cima de algumas revistas IstoÉ e do jornal Zero Hora, a placa dizia que o funcionário já voltava – em português, inglês e espanhol. Ficamos alguns minutos ali observando o luxo dos equipamentos. Duas poltronas estofadas, apoio para os pés de metal, tabela de preços – a bota de cano alto também era R\$ 15. Um jovem de cabelos compridos presos em um rabo de cavalo, com fones de ouvido sobre os ombros, se aproximou, mexeu em uma gaveta, sentou em um banquinho. Desta vez, nós é que ficamos surpresas.

## III

O ofício é antigo, mas seu Lindolfo o exerce há apenas um ano e meio. Aprendeu observando os outros engraxates da praça.

– É só ter um pouquinho de inteligência – garantiu ele.

Tranquilo, começou a limpar o calçado, preparando-o para receber uma camada de graxa. A delicadeza com que tirou o pó dos pés da repórter contrasta com seu trabalho original: ferreiro de obras. A responsabilidade de deixar firme qualquer construção começou cedo, em Santo Ângelo, mas a falta de serviço o fez deixar a cidade natal nos anos 80. Veio para a Grande Porto Alegre com a mulher e um filho de 25 dias no colo.

## IV

– Oi, tu trabalhas aqui? – foi o que o espanto inicial nos permitiu perguntar.

Sem levantar do banquinho estofado e com uma certa timidez e curiosidade que fazem jus aos seus 19 anos, Amir Straub respondeu que sim.

Um revitalizador de calçados seria um engraxate?

– A ideia é fazer um tratamento no couro, uma hidratação para, depois, o brilho. É uma revitalização



O material de seu Lindolfo é pesado para ser carregado todos os dias até a praça



Nas cadeiras estofadas do Moinhos Shopping, em Porto Alegre, não há resquícios de graxa

– disse o rapaz, com uma fala quase que decorada para vender seu produto diferenciado.

Mas uma resposta espontânea veio em seguida:

– Pra mim tanto faz, eu digo que engraxo sapato, as pessoas acham meio estranho, pra mim já é normal.

## V

Como milhares de pessoas que deixam o interior em busca de uma vida melhor, seu Lindolfo foi parar em Viamão, onde tomou conta do sítio de uma família, limpou piscinas, cuidou de cachorros. Teve mais uma filha. Guardou dinheiro e adquiriu a casa própria – o que não seria possível se continuasse na região das Missões.

O trabalho em obras, no entanto, não pôde mais ser exercido devido ao diabetes e à pressão alta.

– Eu trabalhava trepado, às vezes muito alto, me dava umas tonturas – disse.

Conseguiu se aposentar com uma mixaria, segundo ele. Na obra, tirava R\$ 2 mil por mês. Agora, graças ao tempo que contribuiu no INSS, recebe um salário mínimo.

Sem perder o bom humor, ele contou sobre a aplicação diária de insulina:

– Eu faço. Às vezes, a mulher me ajuda. Mas prefiro que seja em outras partes do corpo, se não a barriga fica muito furada.

Cuidados com a saúde o fizeram mudar de ocupação. Passou a vender lanches preparados pela mulher no centro da Capital. Não muito tempo depois, viu-se novamente obrigado a arranjar outro ofício, dessa vez por “incomodação com a Smic”.

## VI

Há um ano Amir trabalha no shopping, emprego que conseguiu por indicação da mãe, que conhecia a dona do negócio:

– O salário é bom, mas tu vai ter que engraxar sapatos – disse ela.

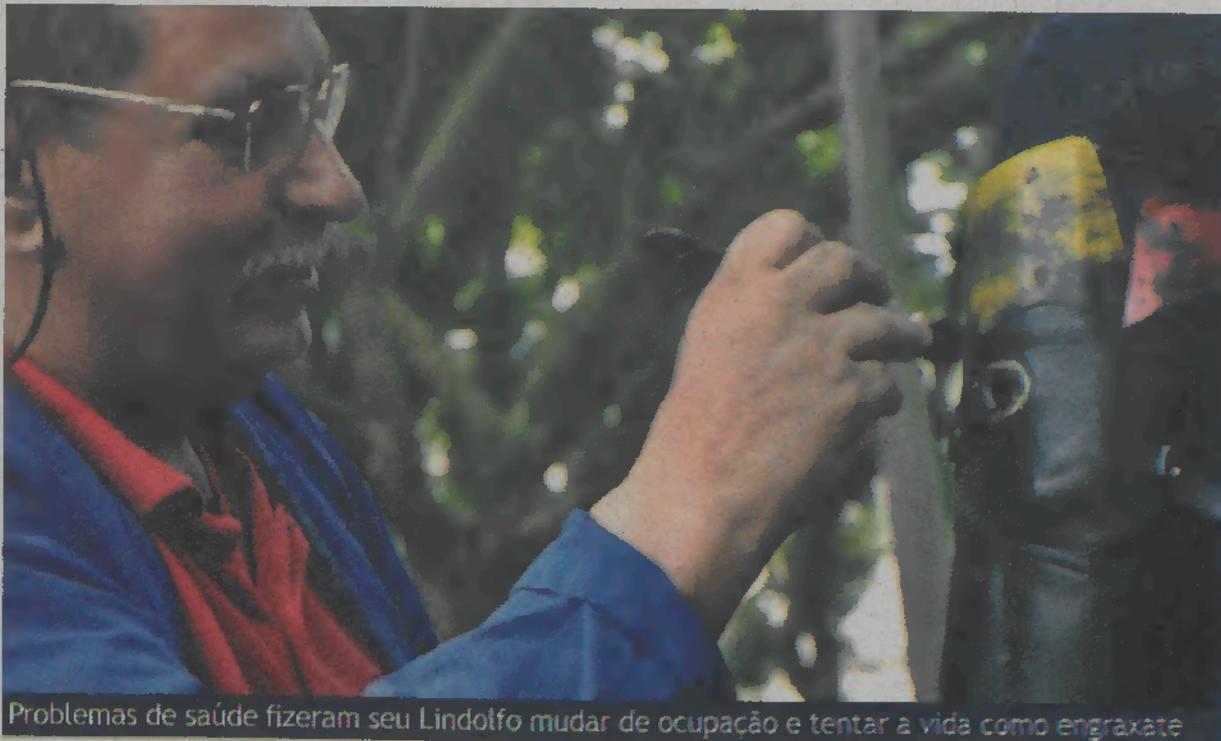
Sem problemas. Ele encarou o emprego. Aos amigos que riem quando Amir conta o que faz, ele responde:

– Eu ganho 700 por mês. Aí eles ficam quietos e perguntam se não tem uma vaga.

Antes do jovem assumir o comando das cadeiras, eram duas meninas que exerciam a função:

– Inclusive tinha mais clientes na época delas – contou.

Com a brincadeira, o jovem relaxou e descontraíu a conversa. Amir aprendeu os princípios básicos do seu primeiro emprego com suas antecessoras. Mas elas foram fazer faculdade, e ele chamou um amigo, pra quem entrega o posto às 16h.



Problemas de saúde fizeram seu Lindolfo mudar de ocupação e tentar a vida como engraxate

## VII

Foi conversando com “gente que tá ali a vida inteira” que seu Lindolfo conseguiu uma vaga em uma cadeira de engraxate bancada pelo Banrisul. Finalmente, legalizou-se. Por ano, paga à prefeitura uma taxa de aproximadamente R\$ 50 para renovar sua licença, pendurada em lugar de destaque, ao lado da tabela de preços. Ele não acha ruim. Muito pelo contrário, a situação legal o deixa tranquilo para trabalhar.

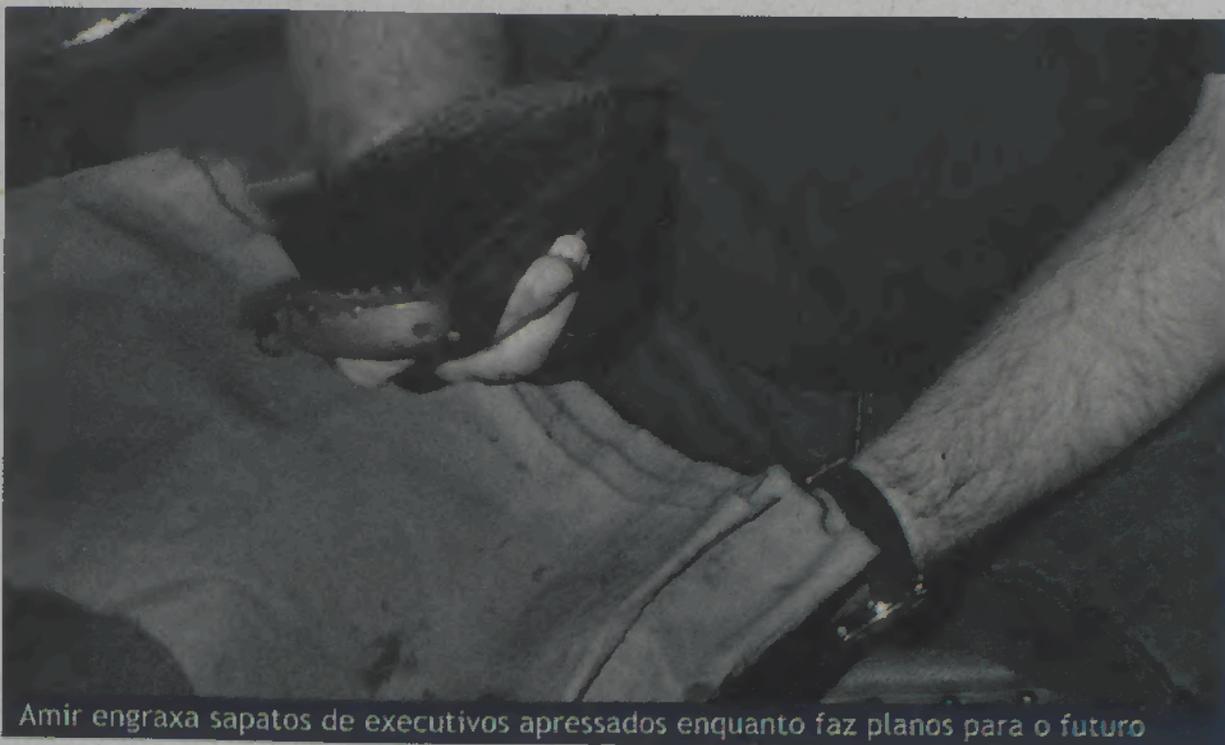
## VIII

Amir recém saiu do Ensino Médio e agora estuda por conta própria, com os livros que o primo conseguiu de graça, para passar num concurso público ou tentar a prova de seleção para o curso de computação, área na qual pretende trabalhar.

O resto do seu tempo dedica ao grupo de jovens da Igreja Luterana, do qual é presidente. Enquanto não conseguir nada no mundo da informática, Amir não pretende deixar as cadeiras do Moinhos.

## IX

Seu Lindolfo paga aluguel de uma peça numa garagem próxima da sua banca para guardar o material de trabalho. São R\$ 30 por mês. A bolsa que guarda as graxas, escovas e panos é pesada, impossível de carregar no ônibus diariamente. E, mesmo podendo guardar suas coisas em uma espécie de armário com cadeado ao lado da sua cadeira, ele prefere não arriscar.



Amir engraxa sapatos de executivos apressados enquanto faz planos para o futuro

## X

O material de trabalho de Amir no shopping é guardado dentro de uma caixa plástica, tudo bastante limpo e organizado. Reparamos nas mãos: limpas, sem nenhum resquício de graxa. O segredo era um pote de lenços umedecidos “pra limpar bunda de nenê”, como ele mesmo definiu, colocado ao lado da cadeira.

## XI

Para abrir os trabalhos na Praça da Alfândega por volta das 8h, seu Lindolfo acorda todos os dias às 6h. A mulher levanta junto, prepara o almoço do marido e também os lanches que vende no centro, na atividade que herdou de seu Lindolfo – para ela, a “incomodação com a Smic” parece ser menor.

Às 7h, o engraxate deixa sua casa no Parque dos Maias, na Zona Norte, e encara um ônibus lotado rumo ao trabalho. Tem que ir cedo para a fila na parada, assim é maior a possibilidade de conseguir viajar sentado. As linhas 72 e 73 já saem lotadas nas primeiras horas da manhã, e às vezes, mesmo com os problemas de saúde, ele vai em pé:

– É difícil pegar umas pessoas educadas, que levantam pra gente sentar.

O almoço é gelado. Com o diabetes, teve que restringir do cardápio os lanches que substituíam a refeição. A situação financeira, no entanto, ainda não permitiu a compra de um pequeno fogareiro para aquecer a marmitta.

A mesmria (falta de) saúde que o fez mudar de profissão, aboliu hábitos como beber e fumar:

– A última vez foi meio copo de cerveja em um aniversário. Não me lembro quando. Alguns dos

remédios de que precisa ele consegue no posto de saúde. Outros, precisa comprar. Já o tratamento médico é todo feito no Hospital Conceição. Seu Lindolfo tinha até conseguido marcar uma consulta para o próximo mês.

## XII

Morador do bairro Menino Deus, Amir passou a ir de ônibus depois que a bicicleta quebrou. Sua jornada inicia às 10h, com interrupção no horário do almoço: geralmente com um cachorro-quente na esquina da Rua 24 de Outubro. Para passar o tempo, os companheiros são livros, revistas, sudoku e as músicas do seu MP4.

Os clientes, na maioria, são os funcionários dos escritórios próximos ao shopping que aproveitam o horário de almoço. O serviço completo de tratamento do calçado dura em torno de 15 minutos. Mas Amir já teve que realizá-lo em cinco.

– É um cliente que odeia sapato sujo, e estava atrasado para uma reunião – explicou.

## XIII

Na praça da Alfândega, o movimento varia. Mas existem os fregueses fiéis. Há dias em que muitos passam pela cadeira de seu Lindolfo, batem papo ou simplesmente lêem o jornal. Há outros em que suas únicas companhias são o pequeno rádio e o exemplar do Diário Gaúcho:

– É o que o pobre consegue comprar, né? É a mulher coleciona os selinhos – justificou.

No inverno, o número de clientes mulheres cresce bastante, com a retirada das botas de cano longo dos armários empoeirados. Mas, ultimamente, seu Lindolfo disse que boa parte do movimento era de políticos pedindo votos:

– Já passaram vários – comentou, com ar de quem não se deixa levar por um simples aperto de mão.

## XIV

Os melhores clientes e as melhores gorjetas de Amir são as dos turistas, hóspedes do hotel que fica no prédio do shopping:

– Dois deles me deram gorjeta de R\$10.

O jovem arrisca um inglês suficiente para se comunicar e saber das preferências dos clientes. Nos contou que já perguntou para um americano que passou por São Paulo e Porto Alegre qual era a cidade que mais tinha gostado. O estrangeiro respondeu:

– Porto Alegre, é claro.

Nós três, jovens repórteres, obviamente perguntamos por quê. Amir foi rápido e rasteiro:

– Pelas mulheres.



- 1- Material de trabalho de seu Lindolfo
- 2 - Tintas do engraxate do Moinhos Shopping, organizadas
- 3- O rádio e o jornal, companheiros de seu Lindolfo

## XV

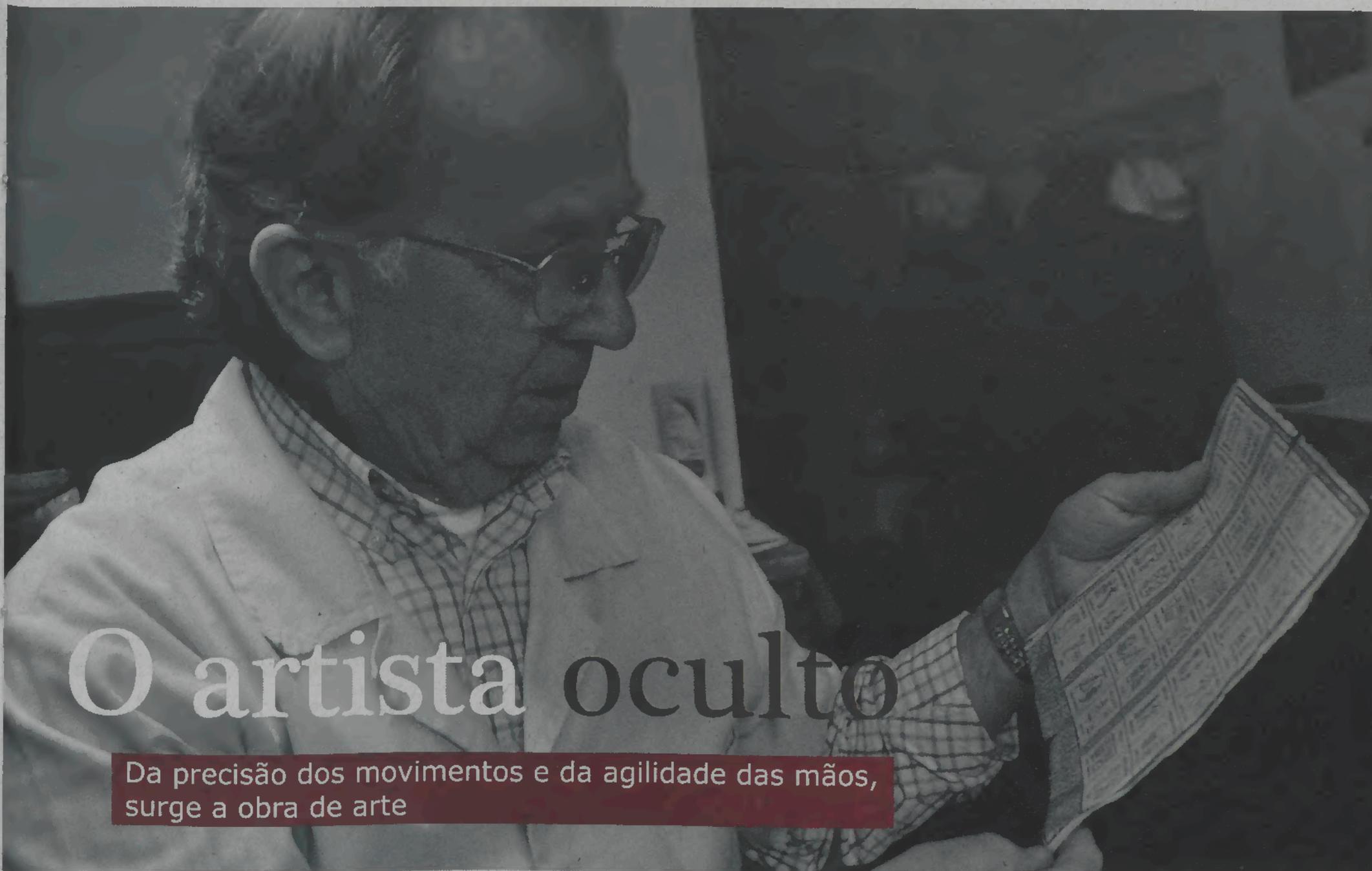
Apesar de suas dificuldades, seu Lindolfo está feliz. Fala com orgulho dos seus filhos, que estão “tudo moço já”. O filho é metalúrgico, e a filha trabalha no supermercado Nacional. Se pudesse, ainda trabalharia em obra, mas a salubridade e a tranquilidade das cadeiras da Praça da Alfândega o mantém longe dos arrependimentos.

## XVI

O jovem Amir ainda tem a vida toda pela frente e não quer engraxar sapatos para sempre. Na verdade, o engraxate de 19 anos acha até um pouco estranha a sua primeira experiência profissional:

– Não vai me garantir quase nada. Mas é bom o dinheiro pra tu investir num outro futuro – justifica, cheio de planos.

## OURIVES



# O artista oculto

Da precisão dos movimentos e da agilidade das mãos,  
surge a obra de arte

**Texto** Bárbara Gallo

**Fotos** Mariana Gil

**O**bjeto de disputas e conflitos, cobiça, ostentação de poder e nobreza, tornou-se símbolo de pureza, valoração, inquebrantabilidade e eternidade. Preciosíssimo, devido à sua cor, brilho e por manter suas características apesar da ação de agentes externos, já despertava a atração e a necessidade de posse e utilização nas sociedades primitivas. Desde os tempos mais antigos e com distintas finalidades, o ouro sempre acompanhou a história do homem. Em torno de 2.500 a.C, no Antigo Egito, se prestava à cunhagem de moedas para transações comerciais, alcançando grande aceitação ao redor do mundo rapida-

mente. A partir do desenvolvimento de seu uso, originou-se a arte de trabalhar com metais preciosos na fabricação de jóias: a ourivesaria. Os profissionais encarregados de lidar com o ofício obtinham inegável prestígio perante aos reis e a corte na Idade Média; entretanto, com o impacto da revolução industrial na Europa da segunda metade do século XIX, a aposta econômica feita nas máquinas e na divisão do trabalho preteriu a tradição artesanal e resultou em fator impeditivo da relação entre o Homem e o produto. Com a gradual dissipação e escassez de ourives, atualmente encontramos dificuldade na busca pelo serviço.

## Entalhando o destino

Porto Alegre, Rua Coronel Vicente, Centro. Enquanto o movimento toma conta da cidade em mais uma sexta-feira, Norberto Adalberto Becker, 77 anos, trabalha sozinho e silenciosamente em um antigo prédio. Lá, mantém, desde a década de 70, uma pequena sala na qual entalha peças em ouro. Natural de Santa Cruz do Sul, iniciou na profissão com 21 anos na então Joalheria Geradt, no município. Seu Norberto conta que, no começo, realizava diversas tarefas dentro da oficina, e que o primeiro contato com a produção aconteceu muito tempo depois: – Quando entrei na Geradt, as primeiras



As ferramentas preenchem a mesa de trabalho



Mãos à obra: confeccionando os detalhes de um anel



Seu Norberto, orgulhoso, admira suas criações

coisas que fiz não tinham nada a ver com os trabalhos dos joalheiros. Eu limpava e varria o chão e engraxava o maquinário todos os dias. O meu serviço só foi começar bem mais tarde e, ainda assim, as peças que fazia eram algumas fivelas de prata.

O ofício ele diz ter aprendido com os amigos e colegas com os quais trabalhava, observando a montagem inteira do processo, bem como as técnicas utilizadas. O costume de ensinar e compartilhar o conhecimento empregado era transmitido aos mais novos e assim, sucessivamente, de uma geração para outra. Mais tarde, seu Norberto se mudou para Porto Alegre e logo conseguiu uma oportunidade na Joalheria Masson, famosa por suas jóias finas e sofisticadas. Naquela época, as oficinas ainda não contavam com a especialidade dos designers; desse modo, cada um dos empregados era responsável pela fabricação de toda a peça: – A produção era grande, me lembro de uma encomenda de 320 alianças de ouro branco com brilhantes que foi destinada apenas para mim. Nós não tínhamos máquinas e moldes prontos para ajudar no trabalho, era tudo manual mesmo e aquele que começava também tinha que finalizar a sua própria joia.

Hoje, com o incontável número de grandes empresas e grifes de jóias, e com o deslocamento destas para os shoppings e centros comerciais em parte pela questão da segurança, a

introdução da serialidade descaracterizou, de certa forma, o feitio e a execução do trabalho: – Para saber como lidar com o ouro, agora só é possível através de cursos que geralmente são bastante caros. Aquela história de amizade, que nos permitia a proximidade como o ofício, acabou.

### Lapidando a perfeição

Percorrendo o espaço e caminhando por entre as distintas máquinas que ali estão dispostas, é quase impossível deixar de notar a infinidade de utensílios que estão espalhados e dispersos sobre a mesa de trabalho e os móveis. Seu Norberto faz questão de mostrar e explicar como funcionam. E, com uma pequena chapa, um pequeno pedaço de prata, experimenta-o e molda-o em alguns deles na medida em que comenta os métodos e sistemas de confecção das peças: – Aqui cada ferramenta serve para uma etapa do trabalho, cada uma faz uma coisa.

Ao final, a matéria-prima está totalmente transformada em suas mãos, apresentando-se em um objeto de novo formato. Na fundição do metal, a barra, o pó ou a lâmina se torna um líquido âmbar e, em seguida, é despejado em um recipiente próprio. Na etapa da laminação, a espessura, a largura e a altura desejada pelo ourives são atribuídas ao ouro e, posteriormente, a feira entra em cena para esticar os fios que serão usados na concepção das garras, argolas, fechos

etc. Para seu Norberto, a prática do ourives pode ser interpretada de uma forma muito simples: – O bom ourives deve verificar as medidas em que se encontra o metal e definir a melhor maneira de produção a partir delas, ele deve escolher as ferramentas adequadas e ter movimentos precisos das mãos.

Assim, ele aplica e lança mão de seus dons de artesão, combinando arte e precisão, que darão forma à jóia: limando, cortando e lixando. Esse processo manual faz com que o metal, antes pedra bruta, se transforme em objeto de desejo de muitas pessoas, em verdadeira obra de arte em todo o seu esplendor.

### Lições valiosas

Paciência, precisão e persistência: a tríade de (e do) ouro. Questionado sobre as qualidades inerentes e os requisitos necessários para o bom desempenho deste profissional, seu Norberto não deixa nenhuma dúvida acerca da sua opinião:

– O primeiro passo é gostar, gostar muito; independente do que você faz e ao que você se dedica, se não tiver prazer em executar uma tarefa, então também não adianta ter aptidão e talento.

Separando as pedras para a cravação, com uma lupa, uma pinça e uma balança, ele indica como se dá a eleição cuidadosa dos brilhantes que irão receber atenção na fase de lapidação, para que fiquem exatamente da mesma medida e sejam cravados na jóia. Finalmente, o *grand finale*: ao passar pelo polimento das escovas que retiram as marcas deixadas pelas ferramentas do artesão, o banho e a vaporização com jatos de água quente dão conta do acabamento. Após anos dedicados à ourivesaria, Seu Norberto revela alguns segredos que ajudam a dar crédito à profissão:

- Para fazer a limpeza da prata, o melhor é mergulhar ela no ácido sulfúrico e depois escovar. O ácido também pode nos dizer quando o ouro não é 18 quilates: se o metal escurece, então ele não é. O brilhante, por exemplo, não sofre nenhum tipo de dano; se ele for riscado e estragar, então é semi-jóia. São apenas detalhes, coisas pequenas que normalmente a maioria das pessoas não sabe, mas para quem trabalha com isso faz toda a diferença no dia a dia.



Dedicação e delicadeza: o metal se transforma nas mãos do artista

## O desgaste da atividade

Sentado em seu banco em frente à mesa de trabalho, ele recolhe uma pilha de fotos guardadas e selecionadas e exhibe orgulhosamente o resultado do seu empenho e da sua dedicação:

- Eu tive o prazer de desenhar cada peça, e por mais que sejam parecidas, uma jóia é única, nunca é igual à outra.

Brincos, pulseiras, gargantilhas, anéis, jóias em ouro e em prata, com ou sem brilhantes: há todos os tipos, formas, e tamanhos, para todos os gostos. O ouro empregado na confecção lhe é fornecido mediante comerciantes. Contudo, ele conta que, por muitos anos, também o obteve através da compra em forma de barras no Banco do Brasil. Os pedidos ele recebe ouvindo atentamente a solicitação de cada pessoa: o desenho da joia pode ser planejado conforme um modelo prévio visado, e os fregueses ficam livres para levar ou ceder os seus brilhantes, assim como o ouro a ser utilizado. Os clientes são antigos, alguns são amigos feitos há muitos anos, outros são recomendados, não importa; o fato é que seu Norberto se queixa da falta de trabalho que insiste em vigorar nas últimas décadas:

- É claro que hoje em dia não se encontram mais ourives com tanta facilidade, houve um decréscimo da profissão. Os roubos aumentaram muito, e agora ninguém mais se atreve a sair andando nas ruas com esse tipo de peça, todas as mulheres estão comprando apenas semi-jóias. O serviço que se tinha antigamente acabou, a quantidade de encomendas feitas é baixíssima. Por isso,

“Eu tive o prazer de desenhar cada peça, e por mais que sejam parecidas, uma jóia é única, nunca é igual à outra.

poucos se aventuram a entrar no ramo: os que já estão aqui desistem, poucos seguem no ofício.

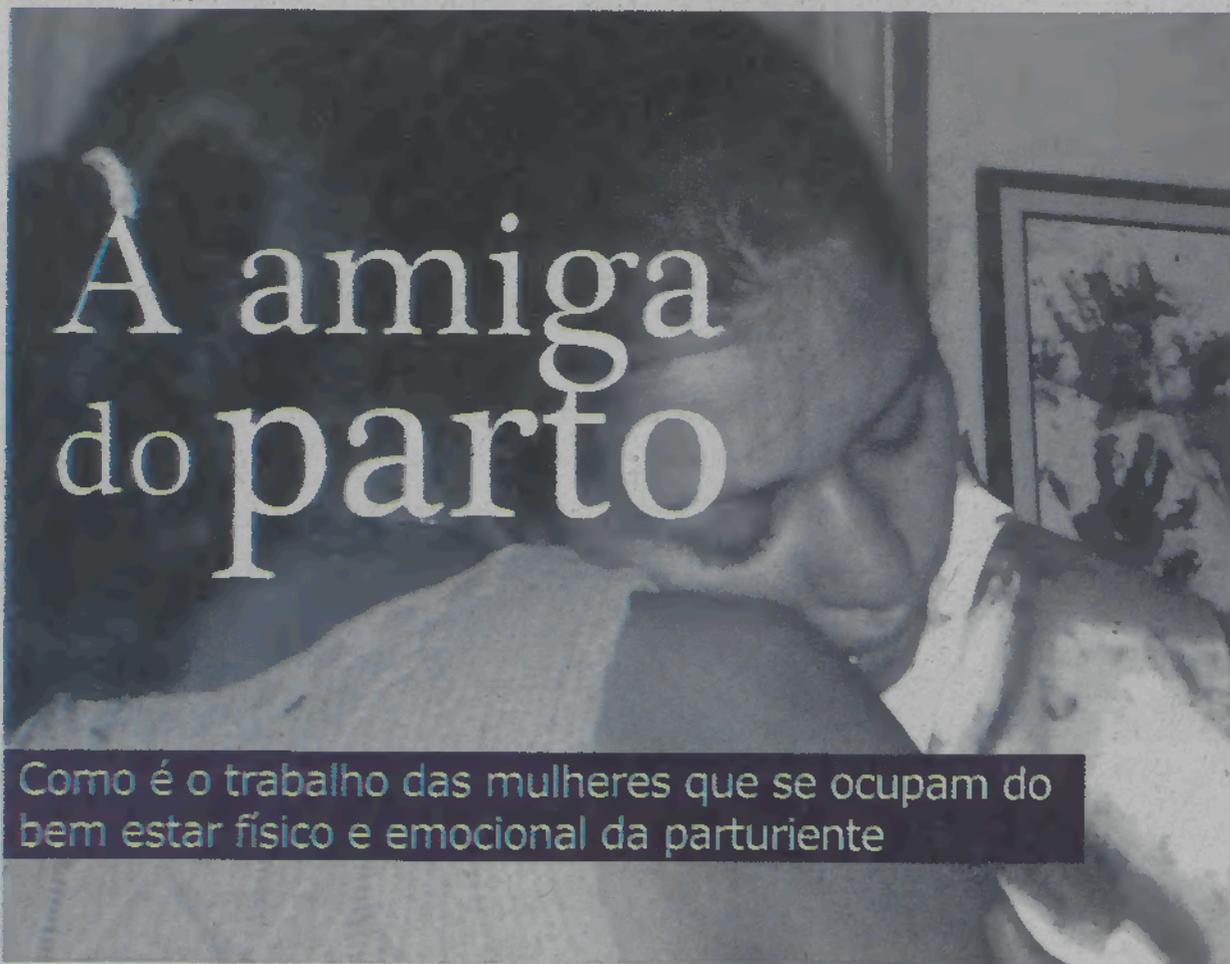
Ele diz que, por volta dos anos 80, ainda esperava e contava com muitos pedidos: - Me impressionava o número de anéis de formatura que eu fazia naquele período. O pessoal do Direito era o que mais pedia, sempre com aquele habitual rubi, que é a pedra do curso; as alianças de noivado e casamento também eram mais frequentes. Ultimamente, o que acaba saindo são os anéis e brincos bem simples, às vezes alguma gargantilha, colar ou pulseira, mas muito raramente.

De fato, a profissão foi sendo superada.

## A poesia do artista e a arte do poeta

O parnasiano Olavo Bilac, em *Profissão de Fé*, um de seus poemas mais reconhecidos, faz menção aos ourives ao comparar o seu trabalho com o de um escritor: “Invejo o ourives quando escrevo (...) imito-o. E, pois, nem de Carrara a pedra firo: o alvo cristal, a pedra rara, o ônix prefiro. Por isso, corre, por servir-me, sobre o papel a pena, como em prata firme corre o cinzel. Corre; desenha, enfeita a imagem, a ideia veste. Torce, aprimora, alteia, lima a frase; e, enfim, no verso de ouro engasta a rima como um rubi. Quero que a estrofe cristalina, dobrada ao jeito do ourives, saia da oficina sem um defeito: porque o escrever - tanta perícia, tanta requer, que ofício tal... nem há notícia de outro qualquer?”

## DOULA



**Texto** Karen Couto  
**Fotos** Arquivo Pessoal

**D**esde a infância, nós mulheres somos preparadas para um dia ser mãe. Isso fica evidente nas brincadeiras de boneca, de casinha, em que as meninas aprendem os primeiros cuidados com o bebê – como trocas de fraldas, banhos e mamadeiras. Apesar de crescermos sob este contexto, a gravidez, quando chega, vem acompanhada de muitas dúvidas e medos. São os medos de aborto, de má formação do feto, de estar sozinha na “hora H”, de não reconhecer os sinais do parto e, até mesmo, de morrer. Como se não bastasse tudo isso, há ainda o fator biológico: já nos primeiros dias de gestação, o organismo feminino aumenta a produção dos hormônios estrógeno e progesterona. Essa alteração hormonal afeta com mais intensidade – principalmente nos três primeiros meses de gravidez – a área do cérebro que comanda as emoções. É por isso que as gestantes ficam mais emotivas, sensíveis, chorosas, irritadas e propensas ao estresse nessa fase. Saber lidar com todas essas transformações é uma árdua tarefa. Os sentimentos conflitantes do início da gravidez, na maioria das vezes, estão diretamente ligados à insegurança em relação ao futu-

ro. Na primeira gestação, a mulher passa do papel de filha para o de mãe e essa mudança sempre gera ansiedade. Se for o caso de uma segunda gravidez, o medo se intensifica por cobranças sobre a responsabilidade de cuidar de duas crianças. Nesta fase, em que a gestante se sente incompreendida e sozinha, é indispensável contar com o apoio do parceiro e da família. No entanto, quando essas alternativas não fornecem toda a atenção necessária, são as doulas que dão assistência à futura mamãe.

### A doula

A palavra “doula” vem do grego e significa “mulher que serve”. Atualmente, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. Antigamente, a parturiente era acompanhada durante todo o parto por mulheres mais experientes, suas mães, as irmãs mais velhas, que geralmente já tinham filhos e haviam passado por aquela situação. Depois do parto, durante as primeiras semanas de vida do bebê, elas permaneciam na casa, auxiliando nos afazeres domésticos e ajudando a cuidar das outras crianças.

Com o passar do tempo, o parto foi passando para a esfera médica e as famílias foram ficando cada vez menores, perdendo-se, assim, esse contato. Dentro de hospitais e maternidades, a assistência passou para as mãos de uma equipe especializada formada por médico obstetra, enfermeira obstétrica, auxiliar de enfermagem e médico pediatra. Cada um com sua função bastante definida no cenário do parto. O médico está ocupado com os aspectos técnicos. As enfermeiras obstetras passam de leito em leito, ocupando-se ora de uma, ora de outra mulher. As auxiliares de enfermagem cuidam para que nada falte ao médico e à enfermeira obstetra. O pediatra cuida do bebê. Apesar de toda a especialização, ficou uma lacuna: quem cuida, especificamente, do bem-estar físico e emocional daquela mãe que está dando a luz? Essa lacuna pode e deve ser preenchida pela doula, ou acompanhante do parto.

Maria José Goulart, mais conhecida como Zezé, tem 51 anos e é uma doula. Formada em Educação Física, encontrou na profissão a alegria em trabalhar. Há mais de 20 anos, está envolvida com a atividade. – Uma mulher que goste de ajudar, que sabe lidar com todo o cuidado, o carinho, afeto, que é o que a gente realmente precisa na hora do parto, pode ser uma doula, não precisando necessariamente já ter passado por um parto – afirma Zezé.

Basicamente, a doula tem a função de dar suporte físico e emocional para o casal que está esperando o bebê antes, durante e depois do parto – o que também pode ser considerado acompanhamento continuado. Não cabe a ela executar qualquer procedimento médico ou exames, como também não é de sua responsabilidade cuidar da saúde do recém-nascido. Zezé ressalta que se deve ter bem claro que ela não substitui qualquer dos profissionais tradicionalmente envolvidos na assistência ao parto. Não é sua função, também, discutir procedimentos com a equipe ou questionar decisões.

### Antes

O trabalho da doula tem início ainda na gestação, quando começa a orientação do casal sobre o que esperar do parto e do pós-parto. Zezé explica os procedimentos comuns e ajuda a mulher a se preparar, física e emocionalmente, para o parto, das mais variadas formas. – As pessoas têm medo, é possível e normal que todas nós tenhamos esse senti-

mento quando nos deparamos com uma situação pela qual nunca passamos antes, afirma.

Para preparar o corpo dessa gestante para o parto, Zezé utiliza a Yoga e seus conhecimentos em educação física, pois, segundo ela, os benefícios desse tipo de exercício são infinitos. A Yoga melhora a condição física, propicia maior integração da mãe com o bebê e aumenta a sensação de conforto e bem-estar.

Emocionalmente, a doula tem o objetivo de buscar força para a mulher aguentar as contrações e a ansiedade. Como ela mesma afirma, é necessário aflorar a feminilidade já existente dentro de cada mulher. – Não sou psicóloga, apenas acesso o que a mulher tem, destaca.

Segundo Zezé, toda mulher nasce com a força de parir, a doula apenas auxilia o acesso, e isso se faz esclarecendo que a parturiente tem sua fisiologia perfeita para parir, que deve confiar em seu próprio corpo, pois ele não a deixará empenhada na hora do parto. – Os hormônios da gestação fazem com que o corpo da mulher se adapte, se transforme tanto para abrigar uma nova vida quanto para hora do nascimento, auxiliando a dilatação e contrações, ressalta. Cabe à doula lembrar que o bebê tem desejo e vontade de nascer, e que ele estimula essas contrações.

## Durante

A doula deve estar sempre disponível para o chamado da parturiente, principalmente quando a hora do parto chegar. Quando indagada sobre que tipo de parto ela acompanha, Zezé afirma:

– A escolha de parto da mulher é ela quem faz. No entanto, as mulheres que procuram uma doula geralmente querem um parto normal, mas alguns casos não evoluem e são encaminhados aos hospitais. A tecnologia faz com que as pessoas fiquem tentadas a não querer viver essa experiência fortíssima e transformadora que é o parto – destaca.

Quando realizado em casa, através de uma parteira, ela auxilia o nascimento orientando a parturiente a encontrar posições mais confortáveis, mostrando formas eficientes de respiração e, principalmente, propondo medidas naturais que possam aliviar as dores, como banhos, massagens e relaxamento. – Na hora do parto, a mulher vai para a partolândia. Os hormônios vão te buscando, o neocortex anestesia, fazendo a mulher sair do racional, isso é mais ou menos como quando se está numa relação sexual e atinge o prazer total. No trabalho de parto, isso também acontece. Os hormônios vão chegando e “apagam” essa mulher para ela se entregar e o bebê passar. Por isso, a gente busca que a gestante relaxe, colocando uma luz baixa. Em um hospital, isso não acontece. É muita luz, barulho, pessoas estranhas, isso tudo acaba fazendo com que o parto seja um pouco mais



A doula aplica banhos para relaxar a parturiente para a hora do parto



Zezé em atendimento durante o parto

“ Na hora do parto, a mulher vai para a partolândia.

demorado. Em casa, num ambiente com as pessoas em que tu confias, tranquilo, com uma música que tu gostas, com teu marido te abraçando, isso tudo faz com que o parto evolua muito mais rápido.

Quando o parto é no hospital, através de cesárea, a doula funciona como uma interface entre a equipe médica e o casal. Ela explica os complicados termos e procedimentos hospitalares e atenua a eventual frieza da equipe de atendimento num dos momentos mais vulneráveis da vida de uma mulher, permanecendo o tempo inteiro ao lado da parturiente, dentro do bloco. – Falo baixinho, dou apoio, principalmente quando o parto não flui como o planejado, conta.

Ela não substitui o pai (ou o acompanhante) durante o trabalho de parto. De acordo com Zezé, o pai muitas vezes não sabe bem como se comportar naquele momento. Não

sabe exatamente o que está acontecendo, preocupa-se com a mulher, acaba esquecendo de si. Eventualmente, sente-se embaraçado ao demonstrar suas emoções, com medo de que isso atrapalhe sua companheira. A função da doula é de ajudá-lo a confortar a mulher, mostrar a ele os melhores pontos de massagem, sugerir formas de prestar apoio na hora da expulsão, já que muitas posições ficam mais confortáveis se houver um suporte físico.

Sobre o grande número de cesáreas que hoje ocorrem, Zezé tem uma opinião bem clara. – A mulher desconectou muito do seu feminino, acaba optando pela cesariana porque é mais prático, porque é moda. A mulher hoje não está mais voltada para o maternário, mesmo tendo nascido com isso. Lentamente, essas coisas estão voltando. Um exemplo disso foi Giselle Bündchen, que teve o parto em casa, dentro de uma banheira, de forma mais humanizada. A maior violência da sociedade já se inicia no parto. O bebê é retirado da mãe antes do tempo, antes de estar pronto. A criança já recebe a primeira dose de droga quando a mãe é anestesiada. Não fosse somente isso, o bebezinho é arrancado do útero, um lugar quentinho para ser largado em cima de uma chapa de inox e já recebe um colírio que arde bastante, sem necessidade, às vezes [colírio utilizado em casos que a mãe é portadora de gonorréia, mas acaba sendo utilizado em todos os partos]. Depois disso, ele vai para uma esteira de produção, separado da mãe prema-



Após o parto, a doula permanece em contato com os pais para auxiliar nos primeiros cuidados com o bebê

turamente, levado para outra sala onde é medido, pesado, lavado e escovado em uma pia. Nem mesmo esperam o sangue do cordão parar de correr, de ser trocado com a mãe. Isto não é um nascimento justo, humano e digno.

### Depois

Após o parto, a doula faz visitas à nova família, oferecendo apoio especialmente em relação à amamentação e aos cuidados com o bebê, até que os pais sintam-se seguros. Quanto à incidência de depressão pós-parto, de acordo com a Zezé, mulheres que têm acompanhamento de uma doula normalmente tem um parto positivo, logo, torna-se pouco provável que esta mamãe tenha depressão pós-parto. O que pode acontecer, é essa mulher ter uma leve tristeza, chamada por ela de "Blues".

### Benefícios

De acordo com pesquisas, a atuação da doula no parto pode:

- diminuir em 50% as taxas de cesárea
  - diminuir em 20% a duração do trabalho de parto
  - diminuir em 60% os pedidos de anestesia
- diminuir em 40% o uso da oxitocina
- diminuir em 40% o uso de fórceps

“A mulher desconectou muito do seu feminino, acaba optando pela cesariana porque é mais prático, porque é moda.

## AFIADOR DE FACAS



Tem  
que ter  
capricho

Texto e foto  
Francielle Caetano

O amolador Lori Braga da Silva trabalha afiando facas há mais de duas décadas, em Porto Alegre, sempre do mesmo jeito: com capricho

## Afiadores de facas são profissionais escassos nas grandes cidades

A profissão de afiador de facas é tão antiga quanto o próprio utensílio. Existem imagens da primeira década do século XIX, nas quais já era apresentada a figura do afiador (ou amolador). Hoje, alguém que apenas afie facas não é mais tão facilmente encontrado, ainda mais se for aquele que anda pela rua com o carrinho e o tão conhecido apito.

O primeiro trabalho de Lori Braga da Silva, 65 anos, foi, como parte dos jovens da sua época, no Exército. Contudo, logo que saiu do serviço militar obrigatório, começou a trabalhar em uma fábrica, onde sua função era afiar os equipamentos

utilizados no plantio e, desde então, foi só isso que ele fez: afiar. Há mais de duas décadas que seu Lori trabalha com a mesma máxima: – Tem que ter capricho para afiar, não adianta eu fazer um trabalho meia-boca porque depois o cliente não volta mais e ainda sai falando mal – frase dita várias vezes durante a entrevista.

Na década de 80, mudou-se para Porto Alegre em busca de algo melhor, foi então que seu sogro ensinou a profissão de afiar facas, objetos mais sensíveis do que os que eram afiados por Lori. – Meu sogro era espanhol e a Espanha é o país das facas – conta.

Ganhou do sogro, além das técnicas na afiação de facas e a máquina que usa para amolar (toda construída por seu Lori e o seu sogro), a loja em que trabalha há 26 anos, na Capital.

Além disso, hoje a oficina cuida de alicates, tesouras e pequenos consertos em guarda-chuvas. De acordo com seu Lori, não se tem mais tanto serviço quanto há 20 anos. Naquela época, quase não dava conta de tantas facas que apareciam para serem afiadas. – Hoje o trabalho dá pra pagar as contas, só isso – explica.

## ALFAIATE

# Mãos de Tesoura: os costureiros da história

O ofício de alfaiate perdeu prestígio e, hoje, é exercido por profissionais que resistem à industrialização e ao prêt-à-porter (pronto para vestir)

Texto e fotos Natália Blumberg



Desde o início das civilizações, a profissão sempre teve importância, especialmente pela influência exercida no âmbito social dos bem vestidos. A mais antiga referência remonta ao século XII, época em que o ofício proliferava no reino de Portugal e dos Algarves e, especialmente, entre os judeus. É do prestígio conquistado pelos primeiros alfaiates que o “apelido” batizou muitas famílias e a localidade de Alfaiates, em Portugal. A fama desta ocupação foi retratada, inclusive, nas farsas e autos do dramaturgo português Gil Vicente – ele próprio iniciado na arte da alfaiataria – como contam as trovas de Henrique da Mota na Farsa do Alfaiate.

À semelhança das mulheres, que iam à costureira para confeccionar suas roupas, os homens habituaram-se a frequentar o alfaiate sempre que a necessidade de uma nova peça de vestuário surgia. O ritual exigia a marcação minuciosa das medidas e do tecido em giz, o corte dos moldes da peça e muitas horas de costura à mão. Embora trabalhoso, o resultado geralmente era uma peça exclusiva e personalizada.

A partir da Revolução Industrial e, no Brasil, por volta dos anos 80, com o crescimento da indústria têxtil, o trabalho artesanal foi sendo substituído pela produção em série, que acarretava maior rapidez e menor custo para produtores e consumidores. Embora a massificação da produção de vestuário tenha atingido grande parte da população, algumas pessoas não abrem mão da confecção artesanal e personalizada. Além disso, atualmente o conceito de alfaiataria é associado ao requinte e diferenciação, o que poderia dar fôlego a um mercado que, conforme os pessimistas, encaminha-se para a extinção.



Em sua alfaiataria, na Rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, Divo Lannes trabalha de forma exclusiva para os seus fregueses fiéis

## Sem perder a esperança: 60 anos de dedicação

Quando cheguei ao conjunto 64 de um prédio na Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre, o proprietário da Alfaiataria Lannes ainda se despedia de um cliente. De trás de uma porta de vidro envidraçado, surge um senhor vestido impecavelmente – calça social, camisa branca, gravata e um colete de lã. Seu Divo Lannes, 83 anos, alfaiate há 60, visivelmente gosta do que faz. Sempre sorridente, revela que a maioria de seus fregueses são antigos.

A paixão pelo ofício começou em Uruguaiana, sua cidade natal. Com as mãos sobre um tecido já desenhado, seu Divo conta que costumava admirar as roupas expostas no manequim:

– Eu passava em frente às alfaiatarias em Uruguaiana e achava bonito o que eles faziam.

Decidido sobre a profissão que queria seguir, procurou emprego e virou aprendiz. Depois de trabalhar na Fronteira Oeste, o alfaiate morou em Buenos Aires – para aprender o “corte”, como ele mesmo diz – e em Londrina até que, em 1952, estabeleceu-se na Capital. Foi em Porto Alegre que seu Divo começou a criar a rede de clientes e, desde 1961, atende no mesmo prédio.

Quando perguntado sobre as características necessárias para exercer a profissão, ele não hesita:

– Tem que gostar muito – dispara. Além disso, habilidades manuais também são obrigatórias.

Com nostalgia no rosto, seu Divo conta que a profissão era muito valorizada e popular quando ele começou no ramo. Todo o tipo de pessoa procurava as alfaiatarias, de gerentes de banco a funcionários de loja. O alfaiate reconhece a expansão e identifica as facilidades que as confecções industrializadas oferecem.

– O cliente vai na confecção e consegue comprar um terno e fazer em 10, 12 vezes o pagamento. Já aqui é mais difícil, dá pra fazer no máximo em duas, três – comenta seu Divo.

Embora reconheça as dificuldades, o artesão de vestuário não se sente ameaçado pela indústria. Para ele, os clientes fiéis não trocam a exclusividade da alfaiataria:

– Eu não me preocupo com a concorrência. Cliente meu não veste confecção. Quem faz roupa aqui é porque gosta delas personalizadas.

Mesmo quando perguntado sobre o futuro de seu ofício, não desanima. Para seu Divo, embora a maior parte dos alfaiates atualmente

sejam pessoas que, como ele, exercem a profissão há bastante tempo, ainda existe uma parcela interessada em aprender e trabalhar com isso.

– Por aqui não tem quase isso, mas em São Paulo tem muita gente aprendendo ainda. Lá tem escolas de alfaiataria. – acrescenta, atualizado.

Ostentando uma clientela fiel de mais de quatro décadas, seu Divo se diverte com as exigências dos clientes, que geralmente já chegam à alfaiataria sabendo o que querem.

– Só é ruim quando eles se aposentam, né? – ri, referindo-se aos fregueses que perde.

Na alfaiataria Lannes, o trabalho é feito com giz – com o qual o próprio dono desenha, com auxílio de uma régua, o traçado do que futuramente será um terno – tesoura e máquina de costura. Além de seu Divo, mais dois funcionários auxiliam na confecção das roupas. Algumas vezes por semana, os ajudantes vão até o local buscar as encomendas e trabalham em casa. Os tecidos podem ser fornecidos pelo cliente ou seu Divo, pessoalmente, pode se encarregar da tarefa de escolher. Apesar de todas as dissidências e dos obstáculos que ainda pode enfrentar na profissão, Divo Lannes não hesita sequer um minuto:

– Nunca pensei em fazer outra coisa, sempre quis mesmo ser alfaiate.

### Saiba mais

*Alfaiate, em francês, tailleur, é o profissional especializado que exerce o ofício da alfaiataria, uma arte que consiste na criação de roupas masculinas (terno, paletó, calça, colete etc) de forma artesanal e sob medida. Ou seja, o trabalho é realizado de acordo com as medidas e preferências de cada pessoa, sem o uso padronizado de numeração preexistente. A palavra “alfaiate” é derivada do árabe (alkhayyát), do verbo kháta, que significa coser. Para exercer o ofício, são desejadas habilidades manuais, raciocínio espacial desenvolvido, concentração e atenção a detalhes e senso estético.*

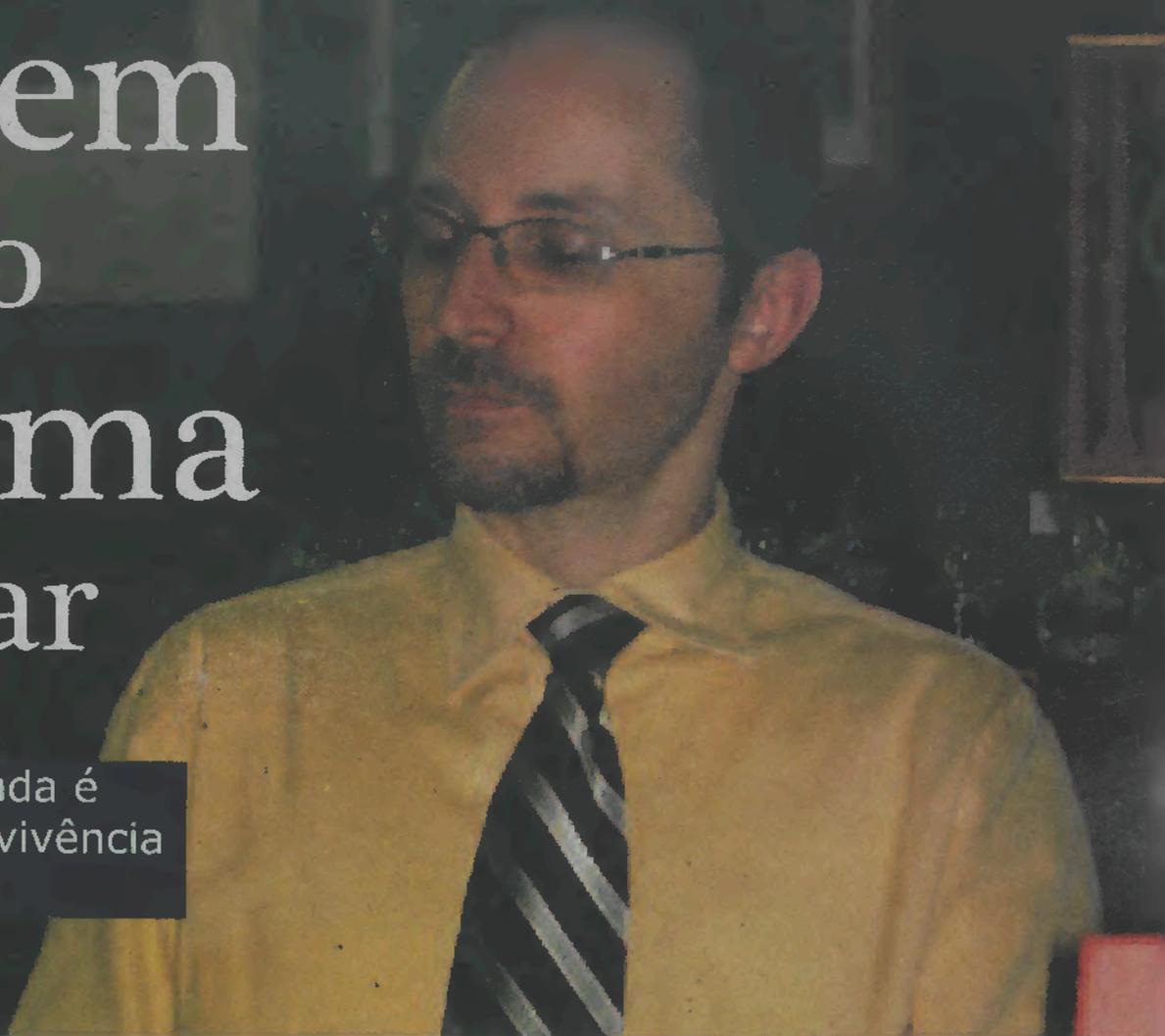
### Além das vitrines

*A história do terno executivo moderno teve origem na França. Na morada de Versailles, de Luís XIV, onde habitavam cerca de 10 mil nobres, os alfaiates do Rei Sol tiveram a idéia de fazer a roupa básica do soberano, composto de casaca, colete e culotes do mesmo tecido. Três peças, daí o terno.*

## PROJETISTA DE CINEMA

# O homem que faz o cinema funcionar

O projetista de cinema ainda é fundamental para a sobrevivência da sétima arte



**Texto** Leila Ghiorzi  
**Fotos** Rafael Santos  
e Lenise Ghiorzi

**D**e forma artesanal, Luís Eduardo Locatelli Carvalho, subgerente do Guion Cinemas, recorta e cola fitas de 35mm. Um processo surpreendentemente simples, que consiste em cortar, com uma tesoura, a sobra de fita do filme recebido, e emendá-lo à continuação, com uma espécie de fita adesiva mais resistente que as comuns. Uma engenhoca, especialmente desenvolvida para tal, produz os furos necessários para o encaixe do material na bobina projetora (daí vem o termo rebobinar). O trabalho é cuidadosamente feito em uma sala de poucos metros quadrados. À sua volta, encontram-se projetores, bandejas e latas de filme já prontos para serem exibidos.

## O caminho do filme

O processo descrito acima ocorre por causa da grande quantidade de fita e do peso delas para um longa-metragem. Para uma gravação de aproximadamente duas horas, são necessários quase dois quilômetros de filme, que pesam cerca de 40 quilos. A distribuição, nesse caso, é quase impossível de ser feita. A solução: dividir o material e solicitar que os funcionários das salas de cinema o unam novamente. No momento da devolução dos filmes para a produtora, o processo é o inverso. O operador de audiovisual descola um pedaço do outro e coloca novamente os arquivos originais nos cilindros.

Os trailers são enviados pelas produtoras às salas de cinema com, em geral, dois meses de antecedência do lançamento da película. Luís Eduardo explica: – Às vezes acontece de a gente receber os cartazes e o trailer, e até passá-lo em algumas sessões, mas não recebemos o filme completo, daí não podemos exibi-lo.

O não-recebimento da história completa não é de responsabilidade única do cinema, mas também da produtora. Algumas delas não produzem cópias suficientes para todos os cinemas na cidade, por isso só alguns recebem. Outras dão preferência para salas do centro do país e, quando a fita chega aqui, já não há mais interesse em exibi-la.

Em média, conta Luís Eduardo, um filme fica em cartaz por dois meses. No entanto, algumas películas são exibidas por mais tempo, de acordo com a aceitação do público. É o caso do longa argentino *O Segredo dos Seus Olhos*, em cartaz desde março de 2010. A utilização do filme por longos períodos causa um desgaste natural à película, que também sofre com a manipulação e mau acondicionamento: – Todo o cuidado é pouco – revela o projetista, que pega com delicadeza nas laterais da fita, para não danificá-la, enquanto nos explica seu trabalho.

## A rotina de operador de audiovisual do cinema

Na sala de projeção, ele é responsável pela iluminação, sonorização e imagens passadas nas três salas do Guion. Engana-se quem julga que a redução da luz e o acionamento do projetor são automáticos. É tudo manual, de responsabilidade do projetista. É ele quem decide quando desligar o som ambiente e quando reduzir as luzes. É ele quem liga a máquina de projeção minutos antes do horário marcado para o início da sessão “para a máquina esquentar”. Ele também acende as luzes e rebobina as fitas depois de terminado o filme.

A sala de projeção é uma só para as três salas de cinema no caso do Guion. Em geral, uma sessão tem 20 minutos de diferença para a outra. Assim, o projetista fica sozinho no ambiente, com a atenção dividida entre os três filmes exibidos. Ele se certifica de que a imagem está chegando com perfeição à tela e se o som está sincronizado. Existe a possibilidade de utilizar a mesma película em duas projeções simultâneas, mas isso não é muito comum. Apenas uma vez isso ocorreu no Guion, e Luis Eduardo não estava presente.

– Meu colega deixou tudo preparado antes do início das exibições: o filme passava pelo projetor da sala 1 e, em seguida, entrava no da sala 2. O risco de acontecer algum erro era bem grande, mas deu tudo certo – comemora.

Dentro da sala de projeção, a atenção tem que estar totalmente voltada aos filmes exibidos. Qualquer descuido pode ter consequências desastrosas. Além do preço das máquinas, que são de tecnologia importada, o perigo de ocorrer algum acidente de trabalho é bem comum: a lâmpada do projetor tem 2.500W de potência e pode danificar o filme se chegar muito perto. O que, garante Luis Eduardo, nunca aconteceu enquanto ele estava no comando.

## A trajetória de Luis Eduardo

Hoje, anuncia com orgulho, Luis Eduardo é subgerente do cinema (ou auxiliar de gerência, como disse algumas vezes). Entrou no Guion há 12 anos para trabalhar na portaria, mas,

devido às oportunidades de treinamentos internos, conquistou o cargo de projetista e, atualmente, auxilia na organização do cinema. Da ocupação atual, ele destaca a operação direta com o público, coisa que o projetista tradicional não tem. Ainda cobre as sessões, mas agora o contato com o público é mais comum.

No cinema, Luis Eduardo conhece as comédias francesas – sempre boas, na sua opinião. Gérard Depardieu e Daniel Auteuil são seus preferidos. – É a vantagem de se trabalhar em um cinema voltado ao público mais politizado e intelectual. Os filmes que passam aqui sempre são bons, a seleção é sempre muito bem feita, conta. Com isso, ele teve acesso a películas que talvez não teria se trabalhasse em outro lugar.

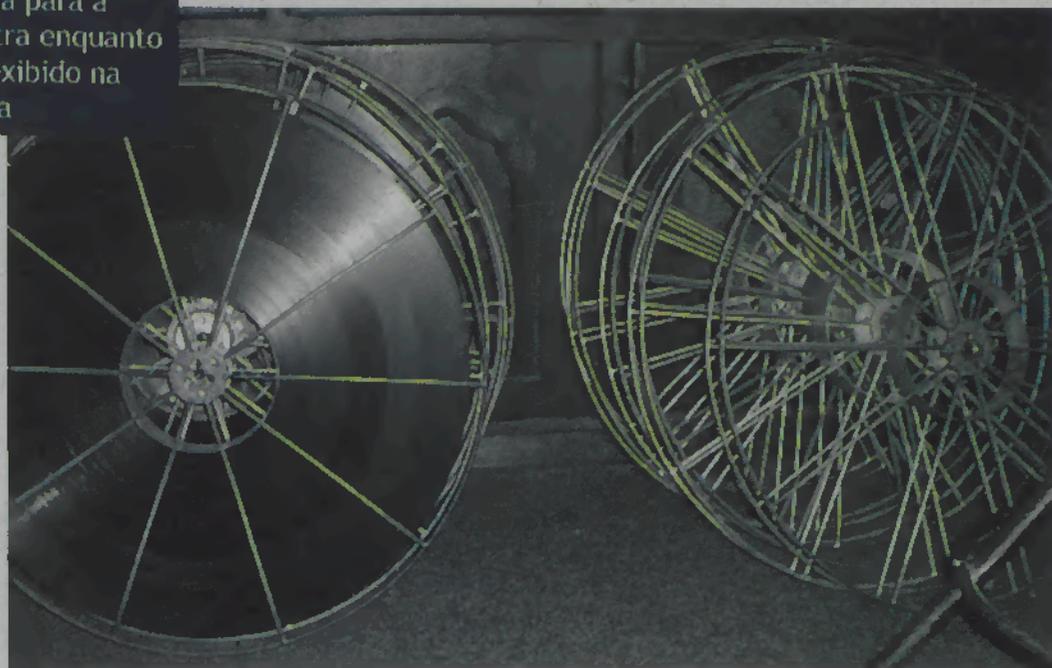
## Metalinguagem no cinema

O projetista é uma figura bastante recorrente nas telonas. O reconhecimento da profissão já foi feita por grandes mestres, como Giuseppe Tornatore, em *Cinema Paradiso*, e Quentin Tarantino, mais recentemente, em *Bastardos*

*Inglórios*. No primeiro, o cineasta Salvatori di Vita lembra a infância passada na sala de projeção do Cinema Paradiso, que garantia a diversão da pequena população de uma cidadezinha perdida no interior da Itália. Alfredo, o projetista, era quem ensinava ao pequeno os segredos da sétima arte e foi, mesmo sem desconfiar, o incentivador da carreira que Totó decidiu seguir quando adulto. O filme, lançado em 1988, ganhou o Oscar e o Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro em 1990.

Em *Bastardos Inglórios*, Shosanna Dreyfuss, dona de um cinema em Paris, planeja uma vingança contra o Coronel Hans Landa, oficial da SS responsável por exterminar sua família. E o cenário final dessa vingança é justamente o cinema de Shosanna, onde o operador de audiovisual tem atuação fundamental. Não contaremos o final para não estragar a surpresa de quem ainda não viu o filme. Podemos dizer apenas que os dois casos citados têm visões bem distintas sobre a verdadeira profissão do projetista, que está muito mais para uma mescla dos dois retratos. Nem tanto ao glamour, nem tanto ao operacionismo.

Bobinas para projeção: o filme passa de uma para a outra enquanto é exibido na tela



## ENSAIO

por Mariana Gil



Em meio às residências da Rua General Rondon, na Zona Sul da Capital, chama a atenção a modesta construção sem reboco da Sapataria São Jorge.

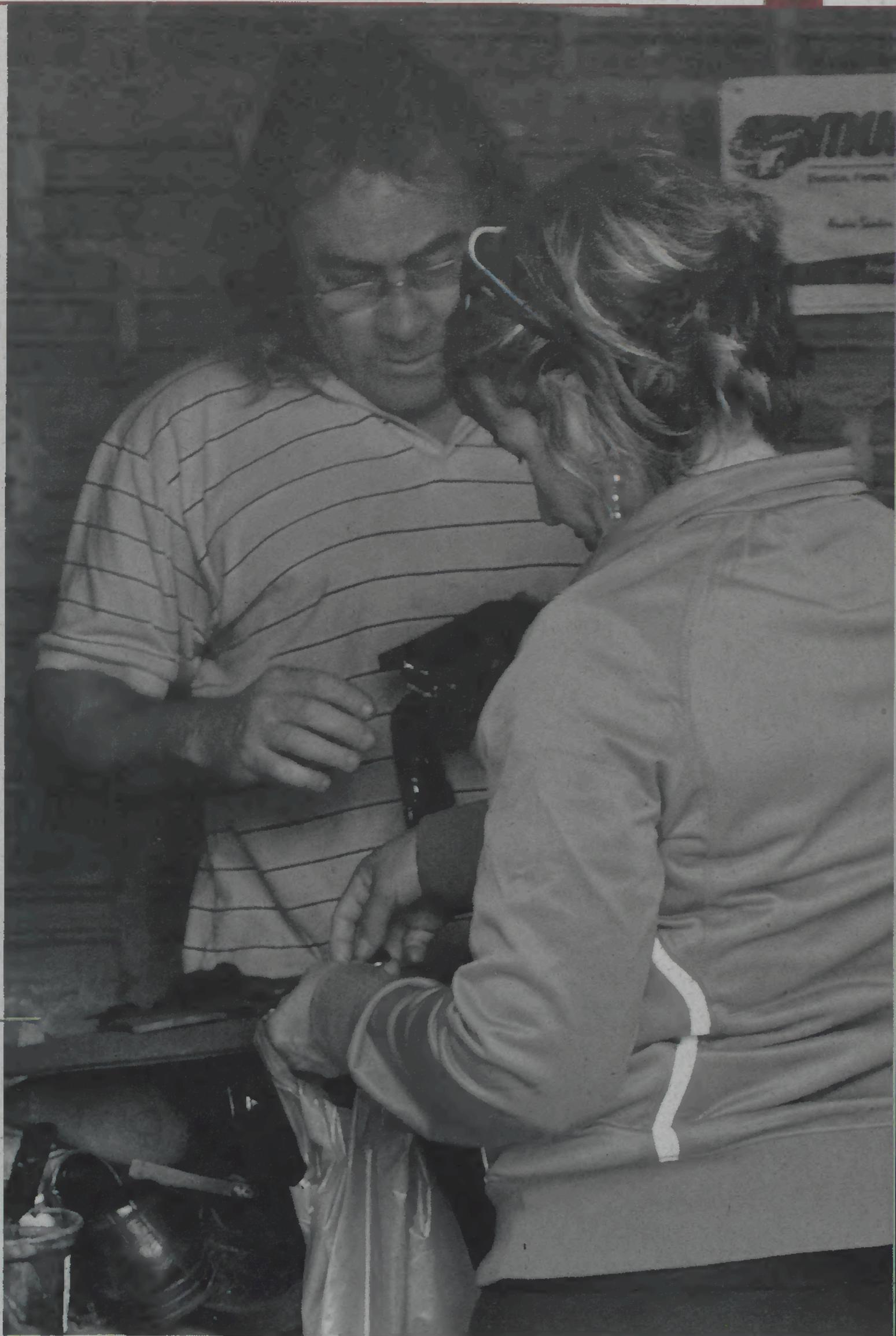
“Tu pode tirar quantas fotos quiser, eu só não posso parar de trabalhar, minha filha” é a resposta ao meu pedido de licença do simpático sapateiro seu Jair.



Enquanto conserta um salto, Jair me conta sobre sua vida. Seus 25 anos de profissão, onde trabalhava antes e alguns pedidos estranhos que recebe (entre eles, conserto de pulseira de relógio).







A vizinhança toda já conhece e aprova o trabalho de seu Jair. "Quando eu troquei de ponto, o pessoal todo veio atrás de mim. Tenho clientes de 40 anos!".

FERROVIÁRIO

# Conversas ao barulho do trem

Histórias de  
dois ferroviários  
aposentados lembram  
a época de ouro da  
profissão

Texto *Ana Carolina Farias*  
Fotos *Victor Eskinazi*

Quando soube do tema da Três por Quatro, minha mente se deixou levar até o bairro onde nasci, em Santiago, conhecido popularmente como a Vila dos Ferroviários. Lá, eu e meus irmãos nos criamos em torno da estação de trem – palco de muitas histórias, algumas verdadeiras, outras nem tanto, em grande parte repassadas pelo meu avô, que fora foguista e maquinista da viação. Imediatamente, liguei para minha mãe para saber da possibilidade de encontrar alguém que tenha sido ferroviário do tempo do vô Peri. Resposta afirmativa, decidi que viajaria no próximo feriado. Uma semana antes da empreitada, porém, aconselhada pela minha conta bancária, abortei a visita à minha terra natal e, inicialmente, a reportagem.

Tudo bem, contava ainda com três semanas para achar outra pauta. O problema foi que meu cérebro simplesmente se recusou a trabalhar neste sentido. Por dias, eu argumentei: “tanta profissão interessante, tanta gente disposta a contar uma bela história, ‘vambora!’”, mas meu cérebro rebelara-se, só martelava: “vamos fazer sobre ferroviários!”. E eu pensando em como achar alguém daquele tempo aqui em Porto Alegre... Pelo Google, descobri a Associação dos Ferroviários Aposentados do Rio Grande do Sul. Já no primeiro contato, fui recebida pelo presidente, Péricles José da Silveira, e pelo 2º vice-presidente, Jorge Alberto Ferreira Zago. Ambos estavam desconfiados quanto ao meu objetivo com aquela entrevista. – É para um trabalho da faculdade, expliquei. Meu avô foi ferroviário e eu gostaria muito de falar sobre... – De onde tu és? – interrompeu seu Zago. – Minha família é de Santiago... – Santiago do Boqueirão, quem não é bandido é ladrão, emendou ele, demonstrando conhecer o ditado muito comum lá pela região. Qualquer santiaguense rebateria: “matou minha saúde e roubou meu coração”, mas preferi não estragar a brincadeira que ajudou a quebrar o gelo inicial.

Aos poucos, e na ausência do gravador, o encontro que servia para procurar alguém disposto a me contar sua história, transformou-se em mais de duas horas de conversa. No final, acertei que voltaria dali a alguns dias para gravar a entrevista. Não escolhi com quem seria, deixando-os à vontade para decidirem. Retornei com o gravador e algumas perguntas que incluíam diferenças entre medida de bitolas e locomotivas, mas as únicas que realmente fiz foram a primeira e a última do meu bloco. Para surpresa, os dois se sentaram comigo, dispostos a falar.

## Seu Péricles

– Por que entrei para rede dos ferroviários? Eu já nasci dentro de uma estação de trem, respondeu. Natural de São Borja, seu Péricles ingressou na Viação Férrea do Rio Grande do Sul em março de 1959, como funcionário do Estado. Em abril do mesmo ano, a viação foi incorporada à Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, estatal que cobria todo o território nacional, mudando o regime para coletista. Entrou como telegrafista, e então fez questão de mostrar como soa “Ana” em código morse: – O “a” é um ponto forte e a barra fraquinha e o “n” é exatamente o inverso, contou batendo em seu telégrafo.

Naquela época, todas as noites, às 19h, as estações ficavam de prontidão para receberem instruções, rotas, e avisos da central que ficava em Porto Alegre. De telegrafista, nos primeiros anos de ditadura ele passou a guarda-chave, cargo hierarquicamente abaixo do que ocupava antes. Apesar disso, seu Péricles se orgulhava muito da ocupação, pois era essencial em um tempo que não existia comunicação dentro dos trens. – Não existia computador nas cabines, como hoje. Os maquinistas tinham que chegar em toda parada para pegarem as licenças, que era uma permissão para seguir naquela rota ou uma nova indicação



Seu Zago lembra trajetória na Viação Férrea

de trajeto. Era o guarda-chave quem os atacava, de dia com bandeiras e à noite, com lanternas, dando instruções, fazendo manobras de troca de linhas, direção, e também inspecionando. Às vezes um trem cruzava direto por alguma estação e já sabíamos o motivo: ou estavam dormindo, ou estavam bêbados. Então avisávamos a parada seguinte e eles eram recebidos a pedradas. Era a única maneira de tentar despertá-los – revelou entre risadas. As locomotivas empregavam um maquinista, um auxiliar de maquinista e ainda o foguista, que viajava sempre em pé “abastecendo” o trem de lenha e carvão. A cabine era aberta e ele pegava sol e chuva diariamente. Quando o trem transportava carga ao invés de passageiros, o último vagão trazia ainda o chefe de trem e dois guardas. Já em Porto Alegre, Seu Péricles ainda trabalhou como coordenador de trem, acompanhando rotas e dando coordenadas para as regionais, e programador de trem, fiscalizando cargas. Pôde presenciar a passagem da locomotiva a vapor para a diesel, quando várias funções foram extintas, como a de foguista, e reduziu-se o número de trabalhadores nas estações, com a mecanização de diversos procedimentos. Quando se aposentou, no final da década de 80, o processo de informatização da rede já engatinhava.

## Seu Zago

Natural de Ijuí, seu Zago nasceu em casa, próximo uns 50 metros da estação de trem e também cresceu brincando pelos arredores do local. Engenheiro, ingressou na rede em 1974, após anos trabalhando em uma empresa que prestava serviços para as ferrovias. Seu Zago contou da demissão, ocorrida por ter discordado de sua chefia. – Tal dia baixaram lá na obra dois aviões da Mendes Júnior. O chefe veio falar comigo: “Zago, a tua obra vai ser inaugurada em 17 de novembro”. Isso foi no dia 3. Eu disse: “não pode, não vai dar tempo”. Mas ele insistiu: “mas já está tudo acertado com o diretor, ele vem”. Então eu fiquei bravo e rebati: “olha, pode vir o Nixon, pode vir o Papa Pio XII, mas não vai ficar bom até o dia 17. Eu não vou assumir um compromisso que eu não tenho condições de concluir”. Aí me botaram na rua.

O que ele não sabia é que o chefe da rede ferroviária do Estado havia notado seu trabalho. Algumas semanas depois, foi procurado pelo assessor do Dr. Romualdo Costa e Silva, irmão do ex-presidente Marechal Costa e Silva, e convidado a trabalhar para a rede, tendo apenas que prestar o próximo concurso, o que acon-



O telégrafo ainda é presente em sua vida

teceu dois anos depois. Em situações de crise, ele que era chamado. Certa vez, reclamara: – Por que sempre eu? Agora é hora dos mais novos se prepararem.

Mas não teve jeito. Um dos últimos acidentes que acompanhou, antes de se aposentar, ocorreu em Bento Gonçalves e lhe marcou muito. – Era um domingo, por volta das oito da manhã, quando me ligaram. Dois trens de carga estavam em rota de colisão por descuido na passagem de informação dos trajetos. Pelos cálculos, eles se chocariam perto das 11h. A solução de praxe era ir de helicóptero ao encontro dos trens e fazê-los pararem antes disso. Mas uma série de desencontros fez com que a equipe não chegasse a tempo: o helicóptero vinha de Tapas a Porto Alegre, quando chegou não havia combustível suficiente, e ainda teve que ser abastecido. – Saímos daqui passado das 10h30min, não ia dar. De longe, já avistamos o fogaréu, pois um dos trens transportava álcool. Hoje esse acidente não aconteceria, existe celular, computador nas locomotivas...tudo falta de comunicação. Três vidas poderiam ter sido salvas, refletiu.

## Histórias de assombração

No embalo do caso do acidente, seu Zago recordou:

– E eu também já mandei um homem para morte, sem querer... Um setor pediu para eu enviar um homem de minha equipe para auxiliar no transporte de um equipamento. Indiquei imediatamente o que estava mais próximo a mim, o João Paulo. Um homem confiável, trabalhador, eu gostava muito dele. Nós estávamos lidando no barro, e ele estava sem sapato de proteção. Quando foi ajudar, escorregou e

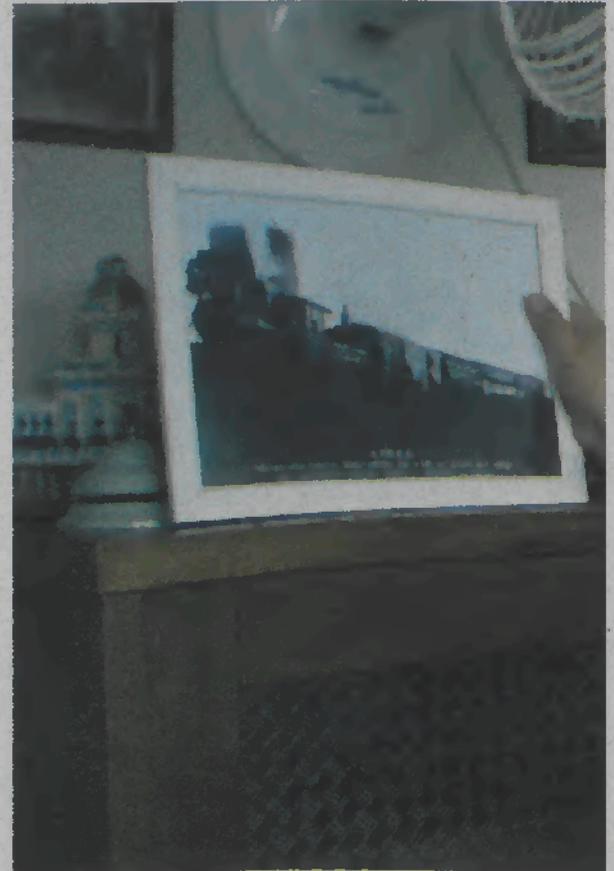
tomou um choque, ao colocar a mão numa grade de alta tensão. Tentamos levá-lo ao hospital, mas ele morreu dentro do carro. Uma judiaria.

Por insistência do seu Péricles, continuou: – Anos depois, um pessoal que trabalhou na obra se reuniu no local e tirou uma fotografia. Quando revelaram, o João Paulo aparecia junto, com a mesma roupa que vestia quando morreu. Chamaram a viúva, o pai dele, até eu vi a fotografia. Era ele! E faz sentido, porque não queria mor-

rer, não era a hora dele, por isso continuava ali.

Daí seguiram vários outros casos de fantasmas, até o seu Péricles alertar a mim e ao Victor, o fotógrafo:

– Olha, estamos numa associação de aposentados. Muita gente que passou por aqui já morreu. Não estou dizendo que vai acontecer, mas na hora de revelar, pode ser que apareça um monte de velho olhando para vocês. Eu mesmo às vezes ouço uns barulhos quando estou sozinho aqui de manhã...



A sede da associação, no centro da Capital, guarda livros, fotos e arquivos, preservando a história ferroviária do Estado

## Agradecida pelo dedo de prosa

Passadas duas horas, fiz a minha segunda e última pergunta – do que mais sentiam saudade. Nenhum soube dizer com certeza: cada situação, lugar e pessoa que passara por suas vidas tinham seu devido espaço na memória. Ambos se desculparam, caso não tivessem respondido o que eu queria saber:

– É que a gente responde a tua pergunta, mas vai lembrando de outras coisas, passa um filme na cabeça, de coisas que há tempos eu nem pensava até, resumiu seu Péricles. Saí de lá com a certeza de que não havia conseguido só uma matéria.. Foi mais do que isso. Naquela tarde, esqueci do tempo e das perguntas

programadas e me deixei conduzir pelas lembranças e pela simpatia dos entrevistados. Me permiti simplesmente ouvir, algo fundamental a um jornalista. Além disso, pude sentir por mais uma vez, um pouquinho da emoção que meu avô passava ao contar suas peripécias de uma vida inteira em cima dos trilhos.

Obs.1 – Após ouvir casos sobrenaturais, passei a duvidar se realmente vinha do meu cérebro a insistência de ir atrás dessa pauta.

Obs.2 – Não sei o Victor, mas confesso que até ver impressas as fotos, temi encontrar nelas pessoas não identificadas...



# Vivendo de lado

Texto e fotos *Glauber Machado*

**V**ocê é uma pessoa educada. Na parada, faz sinal para o ônibus, ele para, você sobe. Na subida você cumprimenta o motorista, pega seu cartão, espera o leitor reconhecê-lo automaticamente se for um cartão com foto, e passa a roleta. Falta algo nessa história, não? Algo não, alguém...

Nas tantas profissões deste mundo de trabalho, várias são aquelas que têm classificações diferentes. Algumas são essenciais, outras nem tanto. Mas, para os que nelas trabalham, pouco importa se são vitais ou até mesmo necessárias, porque aquele é o seu trabalho. A profissão de cobrador é uma delas.

Aproveite para observar como isso se manifesta na próxima vez que pegar um ônibus. Preste atenção nas pequenas coisas, olhares, gestos, expressões... Como um sorriso de reconhecimento para o motorista pode se transformar em indiferença para o cobrador, como olhos, afitos, fogem de um possível encontro ou cabeças se contorcem em ângulos impossíveis para a coluna humana, deixando mãos tatearem às cegas seu destino, tudo para evitar um eventual contato visual. Ignorar também é desprezar...

## A rotina

O trabalho do cobrador é um trabalho de rotina.

Cada cobrador trabalha em uma mesma linha durante os dias úteis e sempre na mesma "tabela". Cada uma tem seu número de voltas (viagem de ida + viagem de volta), horários de saída e chegada de cada viagem e horário de intervalo.

São sete horas por dia de trabalho, mas uma tabela "seca" assim é rara. Tabelas "com hora" até são bem-vindas porque fazem uma diferença considerável no fim do mês, mas algumas possuem intervalos muito longos, podendo chegar a três horas sem remuneração. Sobre os seis dias de trabalho por semana, há unanimidade: poderiam ser cinco.

As tabelas geralmente são avaliadas pela quantidade e pela disposição das voltas. "Três por um", por exemplo, três voltas, intervalo e mais uma volta. A quantidade de voltas varia de acordo com o tempo de viagem de cada linha, quanto maior o tempo de viagem, menos voltas, e a disposição, mais voltas antes ou depois do intervalo, varia conforme a distribuição das tabelas.

Nos últimos anos, a profissão teve de se adaptar à tecnologia, incorporando uma série de novas rotinas. Vincular-se e desvincular-se à roleta, abrir e fechar um serviço, abrir e fechar uma viagem, são rotinas decorrentes desta inserção tecnológica.

No modelo implantado em Porto Alegre, o cobrador passou a operar dois botões durante a viagem. A liberação da roleta pode depender de seu uso (pagamento em dinheiro ou cartão com foto), ou não (cartão vale-transporte).

O primeiro serve para liberar a roleta mediante o pagamento em dinheiro. Não há mistério, mas ele pode causar certo transtorno ao cobrador algumas vezes. Na pressa do embarque, vendo um passageiro retirar o dinheiro do bolso, quando na verdade está procurando seu cartão, por exemplo, o cobrador pode se precipitar e apertar o botão de pagante. Só que, depois de acionado, não há como cancelar, só girando a roleta. A solução é pedir que o passageiro passe e depois use seu cartão, repetindo esta ação com os passageiros seguintes, até que algum pagante embarque. Se ninguém embarcar até o final daquela viagem é ele quem pagará aquela passagem.



Um rosto na multidão: centenas de pessoas passam pelo cobrador diariamente

O outro botão, o de “co-autoria”, é usado mediante a apresentação de um cartão com foto. Pelas regras, o cobrador deve conferir a foto de cada cartão, ele é “pessoal e intransferível”, se a foto não for do portador, ele não pode deixá-lo passar. É uma forma de proteção para o verdadeiro dono do cartão e, mais ainda, uma forma de evitar o uso indevido dos cartões de isenção e do cartão escolar, não permitindo que alguém que não tenha direito usufrua dos benefícios. Em tese não há dificuldade na operação, confere-se a foto, aperta-se o botão e o leitor de cartões fica 15 segundos aberto para leitura do cartão. Mas muitos passageiros acabam tornando esta operação mais complicada do que ela é, insistindo em não mostrar a foto para o cobrador.

Somados os dois, são centenas de apertos por dia. O trabalho em si é rotineiro, mas nem sempre o mesmo ocorre com seu dia. A quantidade de pessoas com que trabalham diariamente é o que torna cada dia único. A dor ou a alegria diária são as pessoas.

Alguns perfis de passageiros podem ser traçados, conforme a linha, horário, dia da semana, no entanto, tratando-se do elemento humano, sempre há margem para o inesperado. Grandes e pequenas amizades, conversas passageiras que transformam o dia, relacionamentos amorosos duradouros ou romances mais fugazes, os “arames”, uma balinha

de presente, um pudim... Coisas que acontecem. Por outro lado, o desrespeito, o não olhar nos olhos, o dinheiro rudemente atirado em cima da gaveta, estão longe de ser situações raras. Muitas beiram o limite do suportável para aplicar o bom e velho “o cliente tem sempre razão”... A pele lembra tanto das carícias quanto das feridas, mas são as últimas que deixam cicatrizes...

## O trabalho

O salário é atraente, ainda que defasado em um salário mínimo, e a função não é tão exigente quanto à “qualificação profissional”, a mais nova e badalada expressão para justificar o desemprego no Brasil. Logo, sempre há uma quantidade considerável de trabalhadores na fila de espera da carteira assinada, o que facilita o “desligamento” do funcionário da empresa e mantém os funcionários “na linha” sob a força do medo.

O cargo não oferece nenhuma oportunidade de crescimento. A opção para aqueles que desejam seguir a carreira de rodoviário é passar a motorista, mobilidade geralmente facilitada pelas empresas mediante a obtenção da habilitação. Além do aumento de salário, a vantagem é a possibilidade de almejar, nas limitadas possibilidades disponíveis, uma promoção para uma função superior.

A profissão do cobrador é um exemplo de uma atividade que sofre com o processo crescente de proletarização dos postos de trabalho. As decisões operacionais estão fora do alcance dos trabalhadores, todas são tomadas por departamentos separados do lugar onde o trabalho é realmente executado e, muitas vezes, por “especialistas” que nunca exerceram aquela atividade na prática. Os problemas que o trabalhador detecta no dia a dia não podem ser resolvidos por ele. No máximo, poderão ser encaminhados a um setor específico e submetidos às urgências administrativas e não às operacionais. Decorrente disso, o trabalho se torna cada vez mais sem sentido, calcado em tarefas mecanizadas e rotineiras nas quais o planejamento é totalmente separado da execução. A divisão do trabalho empobrece o trabalhador e transforma-o em máquina (Marx).

## André

Um trabalho desgastante como o do cobrador, a lida com um enorme fluxo de pessoas, é um bom caminho para se tornar uma pessoa estressada no decorrer dos anos. Alguns têm jogo de cintura para lidar com isso, embora ele tenda a se esgotar com o tempo, outros descarregam estes desgastes do trabalho nos próprios passageiros, até finalmente

engrossarem as fileiras dos “encostados” no INSS.

É claro que dizer que um cobrador mal-educado é sempre uma vítima do trabalho é forçoso demais. Certas violências são muito mais intencionais que reativas, violências compensatórias de indivíduos impotentes (Fromm). Mas, assim como na violência de muitos passageiros, tomar os exemplos ruins como amostra é uma passagem para o maniqueísmo. Charles Chaplin certa vez disse: “A Humanidade não se divide entre heróis e tiranos. Suas paixões, boas e más, foram-lhes dadas pela sociedade, não pela Natureza”.

• Além do mais, após certas experiências, estar sempre com um “pé atrás” passa a ser a atitude mais segura. A carne batida é uma carne dura. O conselho que se ouve ao se tornar um cobrador ou um motorista de coletivos é: “tenha um hobby, uma válvula de escape”. André é um daqueles que têm jogo de cintura. Trabalha em uma movimentada linha que liga o centro à zona leste de Porto Alegre. Gosta de ler e de escutar música, jazz. Logo no início da viagem, ele interrompe nossa conversa e retira um pequeno rádio da mochila colocando-o na janela atrás de sua cabeça. O volume está baixo. Pergunto quem está cantando:  
– Jerry Lee Lewis.

André é um leitor de fases, às vezes lê muito, outras fica algum tempo sem ler. Leu os suspenses de Stephen King, mas deixou de gostar do autor quando ele começou a ficar “muito fantástico”.  
– Teve um livro que uma máquina de coca-cola perseguia e matava as pessoas!

– Bah, agora me viciei de novo! Estou lendo esse aqui... , disse, enquanto pegava um livro na mochila. Era *O Caçador de Pipas*, de Khaled Hosseini. Havia se interessado pelo livro porque a história se passava no Afeganistão.

Ele geralmente compra seus livros num hipermercado, onde ele pode usar seu vale alimentação para pagar, mas sua preferência é frequentar uma grande livraria

de Porto Alegre. Enquanto sua filha olha os livros infantis, ele procura alguns títulos.  
– Da última vez que fui, estava folheando um livro de contos e achei *O Estranho caso de Benjamin Button*, não sabia que era um conto.

Nem eu.

– Não me lembro o nome do autor, era alguma coisa Fitzgerald. O sobrenome eu lembro por causa da cantora de jazz, a Ella Fitzgerald.

## Nina

– Eu fui cobrador por muito tempo, mas não quero o mesmo pra minha filha. Quero que ela estude, faça faculdade, disse um passageiro.

A cobradora para qual ele falava, achou melhor não revelar que estudava na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)... O perfil dos cobradores mudou no decorrer dos anos, mas o modo como as pessoas os vêem parece não ter mudado.

Para muitos cobradores, a profissão é um trampolim. É onde trabalham enquanto procuram algo “melhor”, estudam para algum concurso ou fazem faculdade. Claro que nada impede que o trabalhador tenha uma longa carreira de cobrador, e não são poucos os que trabalham há muitos anos na profissão. Ônibus lotado é incômodo tanto para passageiros quanto para cobrador e motorista, além de não trazer nenhum ganho para a empresa\*. Os horários precisam ser cumpridos, os segundos economizados aqui e ali se tornam minutos no final de cada viagem\*\*. “Subindo e chegando bem perto da roleta”, “Só mais um passinho pra fechar a porta”, “Chegando bem ao fundo do carro por gentileza”, são frases comuns em linhas movimentadas. Nem sempre bem recebidas, muitas vezes ignoradas, mas necessárias. É numa linha assim que Nina trabalha. Cobradora há quatro anos, formou-se em Pedagogia há dois. Quando entrou na empresa, já tinha completado um ano e meio de

curso. Passou oito meses dormindo quatro horas por dia até conseguir uma das poucas “tabelas de curso”, quando passou a trabalhar meio período. Um ano e meio depois estava formada. Hoje, Nina tenta passar em algum concurso na área e se esforça para pagar os empréstimos que fez para pagar a faculdade.

A empresa pública de transporte coletivo é a única que possui “tabelas de curso”. São tabelas de meio período para casos de quem estuda, por exemplo, mas são poucas. O passageiro que pensou no trabalho ou no estudo para sua filha, não estava totalmente errado.

## Por quê?

Confrontado com a questão de que alguns passageiros davam um tratamento diferente ao cobrador do que a ele, o motorista responde prontamente:  
– O que tu quer, é tu que tira o dinheiro deles!

O dinheiro é uma medida de valor nas relações de troca entre indivíduos. Superficialmente elas estabelecem uma relação de igualdade entre eles já que ambos mantêm a mesma relação social de sujeitos que trocam. Mas, numa análise mais profunda, em nosso sistema produtivo o indivíduo tem existência apenas enquanto produtor de valor de troca, portanto nisto já está incluída a negação total de sua existência natural (...) (Marx).

Existência re-negada aqui, pois devemos nos perguntar: Qual o valor de troca oferecido pelo cobrador na relação com os passageiros? A princípio, o motorista pode realizar as funções do cobrador sem problemas, desde fornecer informações até cobrar a passagem, o que tornou-se um processo bem mais dinâmico devido à roleta eletrônica. De fato, em muitas cidades a profissão de cobrador já não existe mais. A marginalidade desta profissão reside na questão de sua necessidade. Mas, para o cobrador, a solução desta situação não é uma solução.

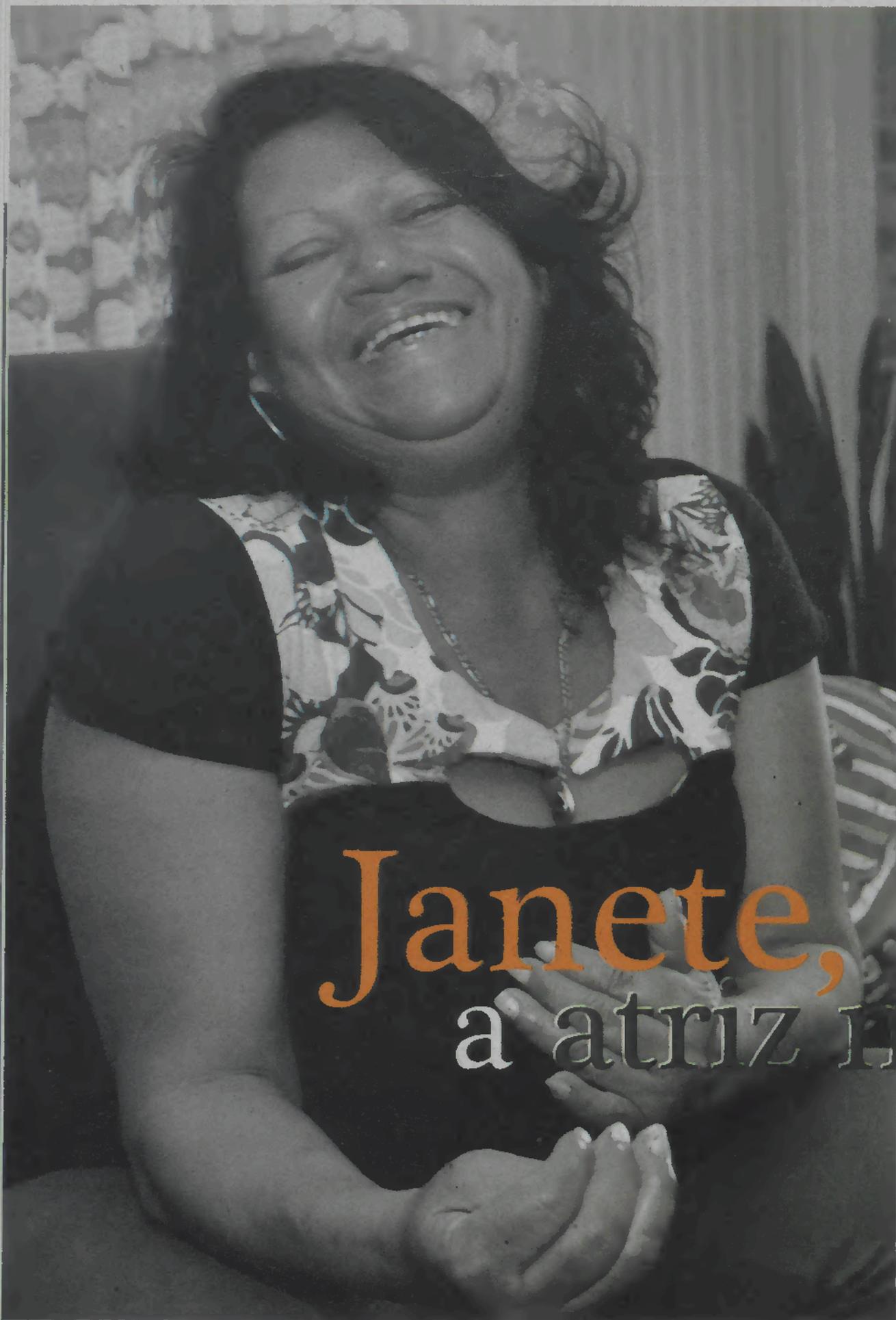
### \*Ônibus cheio = ônibus vazio

No sistema de Porto Alegre, todo valor arrecadado nas passagens é reunido e distribuído a cada consórcio de acordo com uma porcentagem (Carris 22,07%; Conorte 25%; STS 28,9%; Unibus 24,03%). Ela é pré-definida por cálculo de quilometragem e é o que possibilita a tarifa única de R\$2,45, independente da distância percorrida em cada linha. Não importa quantos passageiros a empresa transporte, ela recebe sempre a mesma porcentagem, desde que cumpra uma série de requisitos como o “Índice de cumprimento de viagens (ICV)”.

### \*\*Horários

Todos os consórcios são monitorados remotamente. Cada linha possui antenas no seu itinerário que marcam se o ônibus passou dentro do horário especificado. O descumprimento dos horários pode acarretar multas para as empresas.

## ENTREVISTA



# Janete, a atriz meretriz

Pensar em profissões marginais sem lembrar da ocupação mais antiga do mundo é praticamente impossível. Em todos os lugares, nas diferentes culturas, por mais moralistas que sejam, existem as mulheres que vendem o prazer. Homens solteiros, casados, tarados ou inexperientes usufruem dos serviços das prostitutas. Embora muitas vezes passem despercebidas, elas estão por aí, circulando em diversos lugares e classes sociais. Uma dessas mulheres é Janete Oliveira da Silva, 55 anos.

Janete é atriz, prostituta e militante. Mãe de quatro filhos e casada há três anos, ela entrou para a prostituição através do teatro, na década de 70. A atriz-prostituta conviveu com ícones da cena do teatro porto-alegrense da época, como Nega Lu, Dani Griss, Giba Giba e outros frequentadores da Esquina Maldita, nome dado à região da Osvaldo Aranha que reunia os bares mais famosos da época, como Escaler, Copa 70 e Bar do João. Na prostituição, Janete exerceu um papel de liderança, o que a permitiu se lançar na política por meio de sua candidatura a vereadora em 2008.

A história inusitada dessa mulher virou um curta metragem produzido pela Panda Filmes, lançado no início do ano em Pernambuco e com estreia em Porto Alegre marcada para janeiro de 2011. Um pouco desta trajetória que busquei conhecer durante as quase duas horas em que estive conversando com Janete está aqui transcrita.

**Texto** Juliana Loureiro  
**Fotos** Mariana Gil

### Como foi que tu começaste a fazer programa?

Eu fiz quatro anos de arte dramática na Apatedergs (Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Rio Grande do Sul), na década de 70. Eu tinha uns 17, 18 anos. Nessa época, tinha uma peça de teatro que se chamava *Navalha na Carne*, do Plínio Marcos, e eu tinha que fazer um trabalho de laboratório e fui parar lá na Voluntários, já que a minha personagem era uma prostituta. E lá eu conheci uma pessoa, que era um "malandro" da época... E eu me apaixonei por ele. Daí eu fiquei ali trabalhando pra ele. Fiquei 20 anos com ele. No fim, eu acabei de ir nos ensaios e fiquei trabalhando.

### E como começou teu envolvimento com o NEP (Núcleo de Estudos em Prostituição)?

Ná verdade, o Núcleo existe desde 1989. Naquela época em que estava vindo pra cá a questão da Aids, no Brasil. E a Gapa-RS, que na época era na Borges de Medeiros, numa salinha muito pequenininha, distribuía preservativos, convites para os eventos. E nessa época eu já estava trabalhando na Voluntários. Então eu fui numa das reuniões e conheci todas as garias de outros bairros, da Farrapos e tal. E nesta reunião foi constatado que o problema não era a Aids, mas sim a violência policial. A gente percebeu que os policiais estavam nos prendendo, cobrando propina pra liberar, e isso acontecia no geral, não só com a gente.

**“As pessoas não sabem o que é ser profissional do sexo. Nem todas estão ali contra a vontade. Contra a vontade é crime. Mas quando a pessoa é maior de idade e ela quer isso, qual o problema?”**

### Isso era início da década de 90?

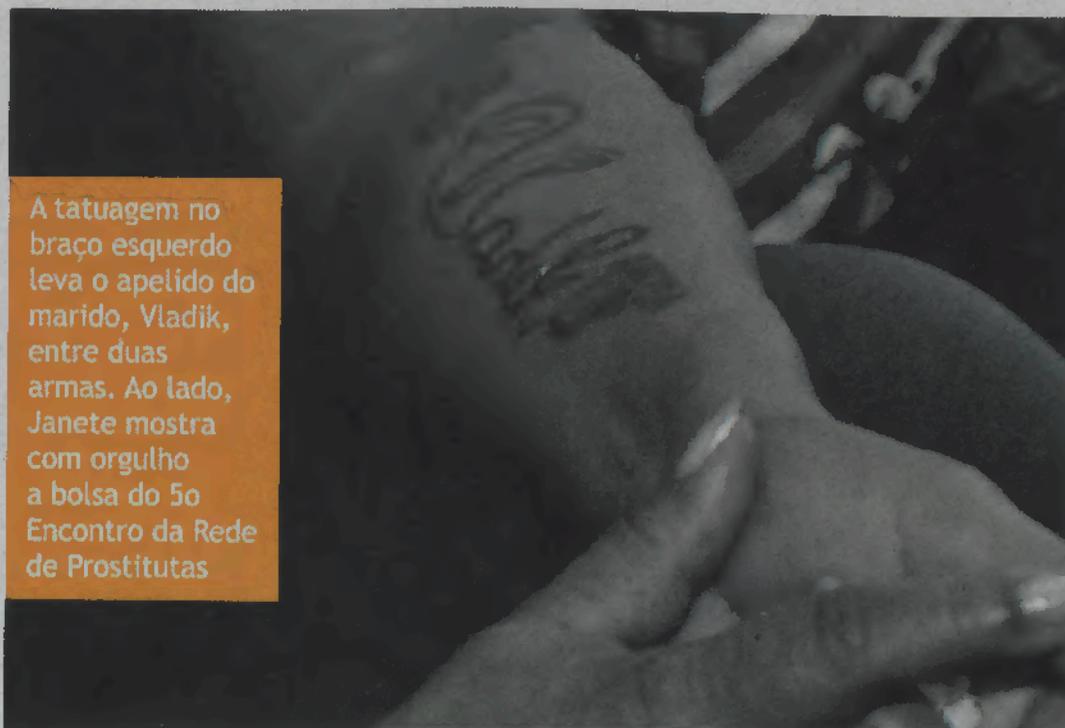
Sim, e isso já vinha de antes, mas a denúncia começou a partir daí. Nós fomos então pros jornais, pra televisão, pra denunciar. E foi uma "pilha" muito grande, até que amenizou o problema. Aí surgiu o NEP, que era AGP (Associação Gaúcha das Prostitutas de Porto Alegre). Mas quando fomos registrar o caso, nos deparamos com o preconceito pelo nome. Então decidimos colocar uma sigla que não era tão agressiva, aí ficou NEP (Núcleo de Estudos em Prostituição).

### Além da questão da violência, que outros assuntos são trabalhados no NEP?

Há 20 anos que a gente vem fazendo trabalhos sociais, de encaminhamento médico, oficinas de cidadania, saúde da mulher, redução de danos para as usuárias de drogas, essas coisas. Só no NEP tem 11 mil profissionais do sexo cadastradas, só de Porto Alegre. Nós trabalhamos muito essa questão da auto-estima em relação aos próprios familiares, que muitas vezes exploram a profissional do sexo. Eles dizem "ai que horror, minha filha é profissional do sexo", enquanto estão se aproveitando do dinheiro que elas ganham para pagar uma conta de luz, de água... Então é uma coisa muito hipócrita.

### O que tu achas que ocasiona esse preconceito contra as profissionais do sexo?

O preconceito é falta de informação. Porque as pessoas não sabem o que é ser profissional do sexo. Nem todas estão ali contra a vontade. Contra a vontade é crime. Mas quando a pessoa é maior de idade e ela quer isso, qual o problema? Tem muitas ali no NEP que são universitárias, com clientes empresários e tudo. E essa coisa do preconceito eu encontrei da parte das minhas colegas, porque depois das eleições elas diziam "ai me arrependi de não ter votado em ti". E eu perguntei "porque tu não votou em mim, cadela?". E ela "ai, o que uma puta vai fazer por outra?".



A tatuagem no braço esquerdo leva o apelido do marido, Vladik, entre duas armas. Ao lado, Janete mostra com orgulho a bolsa do 5º Encontro da Rede de Prostitutas



### E a tua atuação na política?

Bom, participando desses movimentos sociais, eu, Janete, pensei: "Vou me candidatar a vereadora. Quem sabe lá eu consiga fazer alguma coisa melhor". Porque não adianta tu de fora ficar levantando uma bandeira sem ter a possibilidade de estar fazendo algo, escrevendo projetos ou até mesmo vetando projetos que venham contra a profissão. Aí eu fui, meio que ninguém acreditava, diziam "ai Janete, tu vai fazer isso?". Eu disse "vou".

### E tu não sofreste preconceito dentro do meio político?

Passei por preconceito de alguns candidatos, aqueles papinhos idiotas "lá na zona...". E eu nunca neguei, sempre assumi que era profissional do sexo. Esses papinhos acontecem principalmente da parte dos homens. Por incrível que pareça eu não sofri preconceito por parte das mulheres. Inclusive participei da reunião do coletivo plural das feministas. Sabe o que é isso, me aceitarem num grupo feminista? Fiz o grupo salto-alto com as feministas, um curso de cidadania. E fui bem recebida, elas queriam saber "coisinhas", de fantasias sexuais.

### Tu és bem resolvida em relação a tua profissão, mas e as tuas colegas, no geral, em relação ao preconceito, à auto-estima, como elas veem a profissão?

Todo mundo sofre preconceito, mas é mais gritante nessa área. A palavra já é forte: prostituta. O estigma em cima, o ar pejorati-

vo... Mas, se tu não enfrentar os teus medos, as tuas coisas, o que tu quer da tua vida, tu nunca vai ser bem resolvida. Eu nunca escondi de família, de filho, de ninguém. Se tu quer que alguém te respeite, por exemplo os filhos, não pode esconder. Se tu quer que um filho seja sincero contigo, que te fale a verdade, não minta pra ele. É uma troca.

### E quanto aos clientes, qual é o perfil deles?

Ah, todo tipo, tarado, idiota, daqueles que não sabem fazer as coisas, tem que estar ensinando. Homens com várias fantasias, eu já dei na cara de muitos, que eles pedem.

### Quais as fantasias mais loucas?

Ah, de mijar, mijar na cara, cagar no peito. E são homens casados, meu bem, que tem suas filhas adolescentes em casa e querem chegar em casa e pregar moral de cuecas. Isso tudo eu aprendi. A gente aprende, a gente tem uma experiência de vida, a profissional do sexo, a prostituta, de cair o queixo. A gente aprende a lidar com o ser humano, ainda mais eu que estudei artes dramáticas, tu tem que trabalhar com a sensibilidade, comportamento humano. Eu sei direitinho quando uma pessoa é apreensiva, violenta e como lidar com uma situação violenta dentro de um quarto.

### Mas tu já passou por alguma situação dessas?

Já. Ih, de revólver na cara, tudo, de tu acalmar, mandar baixar a arma, sem ter pavor.

“ Quem rouba é ladra. Quem se chapa é usuária de drogas. Quem faz tráfico, é traficante. Elas se infiltram no meio da profissão pra fazer o trabalho, mas não são profissionais do sexo.

### E a questão do álcool entre as profissionais do sexo?

Isso em qualquer boate, em qualquer drink bar existe. A gente trabalha isso. Diz "gurias, quando o cliente vira pro lado tu despeja fora, senta perto de um vaso de planta, ou troca o copo dele que tá vazio pelo teu". A gente diz pra nunca ficar se embebedando junto, quem tá bebendo é ele, tu tá junto pelo dinheiro. Mas tem muitas que gostam de beber e bebem porque gostam mesmo. E isso vai acarretar até no esquecimento do preservativo. Então, isso a gente também aborda nas oficinas.

### E como se mantém um cliente?

Tratando bem. Não roubando dele. Tem quem rouba, são as mulheres que nós não chamamos de profissionais do sexo. Quem rouba é ladra. Quem se chapa é usuária de drogas. Quem faz tráfico, é traficante. Elas se infiltram no meio da profissão pra fazer o trabalho, mas não são profissionais do sexo.

### E a figura do cafetão? Ainda existe aqui em Porto Alegre?

Existe o rufião, como está escrito na Constituição. O crime de rufianismo é a cafetagem, que é o homem que não tem afinidade com a mulher e que explora essa mulher. Hoje em dia não existe mais porque as mulheres estão mais organizadas pra se defender e ter a sua própria vida. Cada um faz o seu lado. Esta figura do cafetão é uma figura em extinção. As profissionais do sexo estão mais organizadas, mais conscientes, no sentido do que elas que

O panfleto da candidatura de Janete a vereadora, em 2008: lentes verdes e sorriso no rosto





“ Eu sempre estive envolvida nesta questão de artes. Isso que me fortaleceu para não ir para a boca do lixo.

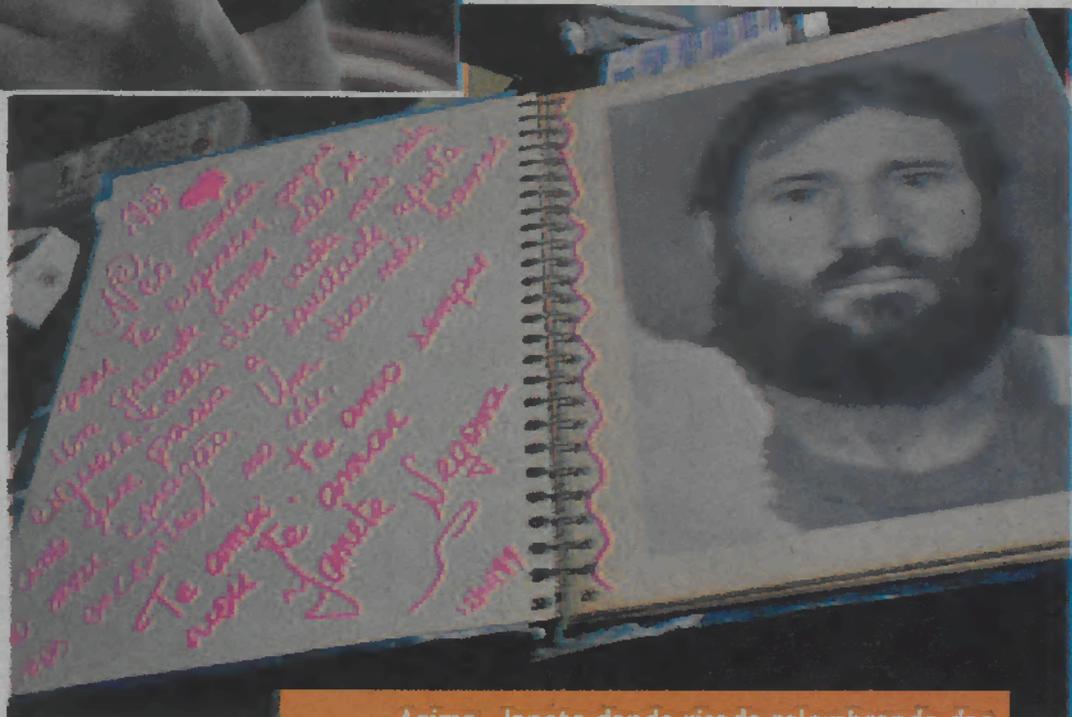
rem. A mulher pega seu carro, vai trabalhar no seu *privé*, tem seu apartamento. As mulheres mais conscientes, que sabem investir o seu dinheiro.

### Daria pra fazer uma síntese da tua vida, daquilo que ela te ensinou e vem ensinando?

Eu aprendi muita coisa. Aprendi a ser uma pessoa mais ponderada, eu era muito doida, esrachada. Mas nunca deixei minhas raízes de lado, que é o cultural. Quem me passou essa coisa foi a Nega Lu, da Banda da Saldanha, que era da Coligay e foi meu professor de jazz. Ele era professor de ballet clássico, falava francês e era todo cultural, uma pessoa conhecidíssima, muito famosa no meio do teatro, da música. Eu sempre estive envolvida nesta questão de artes. Isso que me fortaleceu para não ir, como vou te dizer... Existe a boca do luxo e a boca do lixo. Isso me fortaleceu pra eu não ir pra boca do lixo. Caio Fernando Abreu era meu amigo da Esquina Maldita na década de 70, a gente se encontrava pra tomar uma bira. Uns fumavam maconha num canto, outros gostavam de vinho, outros falavam da questão da ditadura...

### E o documentário sobre a tua história?

O documentário vai sair agora em janeiro aqui em Porto Alegre. Ele já foi apresentado em Pernambuco, e todo mundo quer me conhecer, ninguém acredita que eu existo, eles acham que essa minha história de vida é mentira. Mas o filme tem depoimentos do Dani



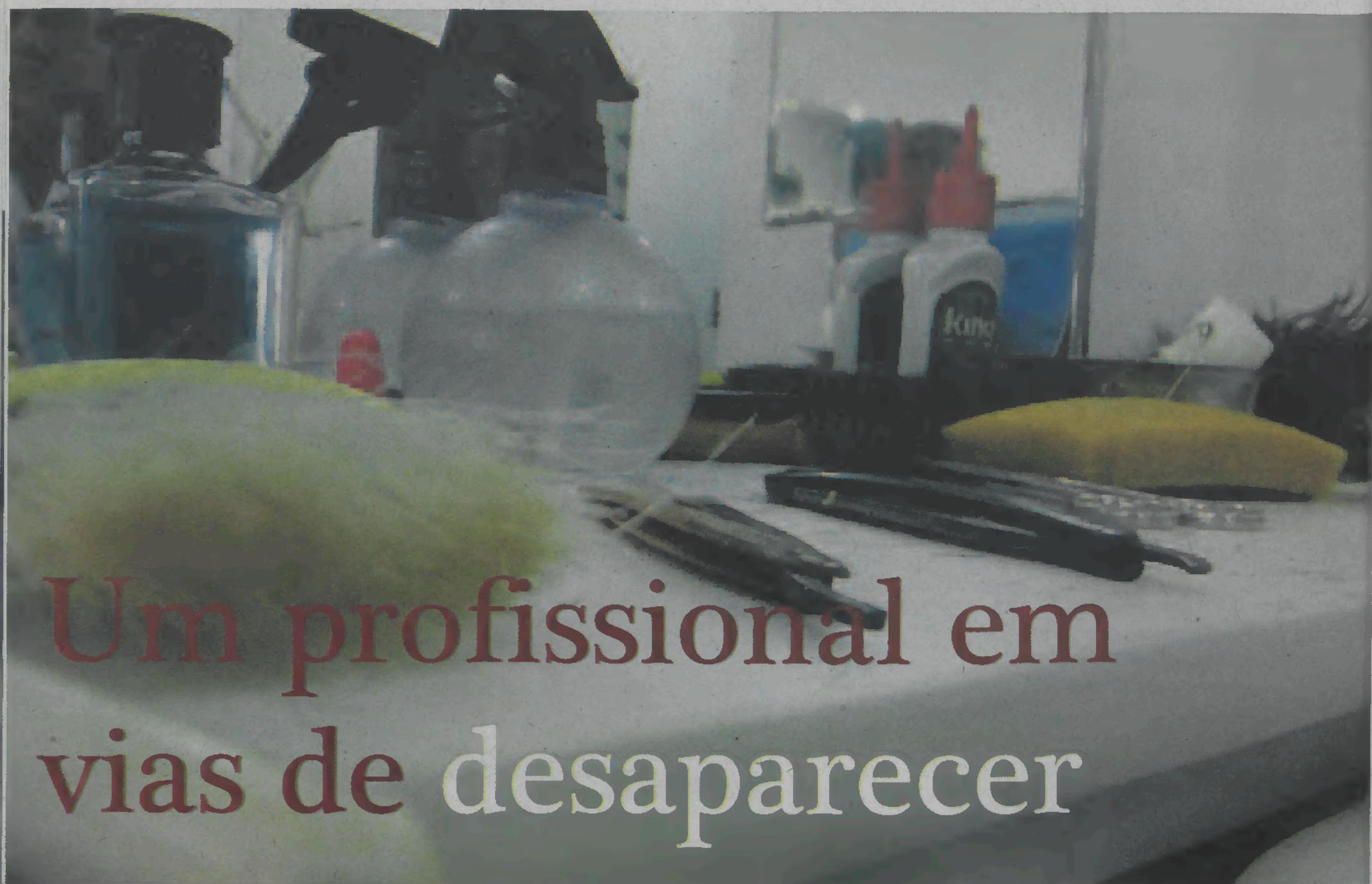
Acima, Janete dando risada relembrando das histórias do seu passado. Abaixo, o álbum com uma dedicatória ao homem que a levou à prostituição e com quem viveu durante 20 anos.

Griss, de vários atores do teatro e do cinema, todo o pessoal daquela época. Nós éramos amigos que fazíamos teatro, muito amigos, mas sabe como é, mas cada um vai pra um lado, leva a sua vida, suas histórias. Mas se reencontram. Quando a Tati e o André, que dirigem o filme, falaram “Janete, nós precisamos conversar com as pessoas”, eles ficaram impressionados, disseram “nossa, como tem gente conhecida”, porque tinha o Giba Giba, muita gente. É tanta coisa... O curta era pra ter 15 minutos e teve que ser aumentado, porque é muita coisa. É a parte política, a parte social, é o movimento estudantil quando eu era adolescente, a gente fazia grupos pra fazer festivais de música, era a casa de estudante... Nós fomos despejados da casa de estudante, meu filho tinha cinco meses e nós fomos lá pra Praça de Alfândega, tem até notícia disso: “Mãe Janete despejada da Casa de Estudante”.

### E quais são os teu projetos pro futuro?

Eu vou me candidatar de novo à vereadora. Também quero ver se eu fortaleço meu trabalho nas periferias, com mulheres vítimas de violência doméstica e quero fazer um técnico de Administração de Empresas no Sebrae pra fazer um trabalho social. Pretendo ensinar as pessoas que não tiveram oportunidades a serem empreendedoras, pra que elas possam fazer as coisas por elas. E continuar dando minhas oficinas sobre DSTs e Aids, porque tu vê coisas absurdas, de mulheres que nunca viram uma camisinha na vida, que não tem informação nenhuma, que acham que se engravida fazendo sexo anal, que não se pega DSTs pelo sexo oral, muitas coisas. Eu acho importante isso, trabalhar as pessoas para que elas possam gerar renda e que possam aprender, adquirir conhecimento.

## BARBEIRO



# Um profissional em vias de desaparecer

Diante da concorrência com os grandes salões de beleza, uma profissão essencial no passado corre o risco de ser extinta

**Texto e fotos** *Camila Cesar*

O relógio não marca nem sete horas quando as portas do salão Odeon se abrem. Localizado na Rua André da Rocha, há mais de 50 anos o estabelecimento atende à clientela diária. O proprietário, o bageense Sebastião Pereira Rodrigues, 60 anos, veio ainda jovem para Porto Alegre. Há quatro décadas, trabalha como barbeiro no salão que herdou de seu primo, Waldi Rodrigues Martins, já falecido. Morador da avenida Juca Batista, Zona Sul da Capital, seu Sebastião sai cedo de casa para chegar no horário e começar a atender os primeiros fregueses do dia.

São 9h quando chego ao Odeon, e ele está com um cliente a postos, sentado na velha cadeira de ferro com estofamento de couro, quase uma relíquia. De jaleco branco e segurando a lâmina,

ele diz que não pode falar comigo e pede que eu aguarde até que acabe o corte de cabelo. Seu Sebastião não gosta de conversar em serviço. Os olhos não desviam do freguês, e o corte é feito com a máxima atenção. Qualquer erro é uma desfeita, tanto para o cliente, quanto para o barbeiro. Observo os objetos no pequeno espaço onde há tantos anos funciona a barbearia e percebo que seu Sebastião se esforça para manter os mesmos traços tradicionais da época de ouro da profissão. Na parede, um quadro de Chaplin, já bastante amarelado, enfeita o ambiente. Acima do espelho, um pequeno cartaz traz a seguinte informação: "Não trabalhamos fiado". Enquanto ele faz o seu trabalho, percebo a agilidade nas mãos e a firmeza nos movimentos, fruto de 40 anos de prática. O cliente vai embora e seu Sebastião tem pressa em responder às minhas perguntas.

– Vamos conversar logo antes que chegue mais algum freguês – ele me diz com certa rispidez característica.

Entre os objetos espalhados pelo balcão, a bombinha de talco e a velha navalha despertaram a minha curiosidade. No salão Odeon, a barba custa R\$ 10 e é feita “à moda antiga”: o rosto é todo preenchido com espuma de barbear e o manuseio da navalha é realizado como se fosse um ritual. O barbeiro ainda utiliza o mesmo instrumento que usava para fazer a barba do poeta Mário Quintana. – Quando ele (Mário Quintana) morava no Hotel Porto Alegre, ele vinha aqui pra fazer a barba e cortar o cabelo. Eu usava essa navalha aqui. Ela deve ter uns 45 anos, conta orgulhoso.

Não foram poucos os nomes ilustres que passaram pelas antigas cadeiras do Salão Odeon. Além do poeta, muitos jogadores do Inter frequentavam o estabelecimento, como Dadá Maravilha, ex-atacante do time colorado na década de 70. Enquanto responde às minhas perguntas, várias pessoas que passam pela calçada param para cumprimentá-lo. Entre uma conversa e outra, perguntam se ele vai ter uma “brechinha” para atender. Seu Sebastião não gosta de trabalhar com hora marcada. Durante o dia, vai encaixando os clientes à medida que eles vão chegando. Prefere atender conforme o fluxo, sem regras e horários estipulados na agenda. Mesmo que boa parte do público tenha migrado para os cabeleireiros, ainda existe uma parcela dos clientes que é fiel ao trabalho feito pelo barbeiro. Sebastião menciona que o mais antigo é Marco Antônio Lavoura, que há 35 anos corta cabelo e faz a barba com ele. – Ele vem aqui e enquanto eu corto o cabelo e faço a barba, ele dorme na cadeira, brinca.

## Quando a modernidade vence a tradição

É notório que as barbearias têm perdido seu espaço para os grandes e modernos salões unissex. A ausência da oferta de cursos de barbeiro, substituídos pela abundância dos cursos oferecidos para cabeleireiro, é um dos indicativos de que a profissão beira o desaparecimento. Conta-se nas mãos os barbeiros existentes em Porto Alegre. São poucos os estabelecimentos que ainda oferecem o serviço e, mesmo assim, muitos deles já estão se adaptando às novas demandas dos clientes. A própria lógica de mercado valoriza muito mais um profissional que faça tudo – cabelo feminino e masculino, barba, *megahair*, hidratação etc. – do que um



Barbeiro há quatro décadas, seu Sebastião percebe que o ofício beira o desaparecimento

que seja especializado em apenas cortar cabelo masculino e fazer barba. As diferenças entre uma profissão e outra se encontram, sobretudo, na forma de trabalhar. Até mesmo a maneira como os dedos devem ser posicionados na tesoura para a realização do corte é uma das características que separam um ofício do outro. Além disso, o cabeleireiro costuma trabalhar em locais onde existe um time de profissionais como ele. Já o barbeiro prefere manter certa exclusividade e trabalhar sozinho, já que a maioria possui uma clientela fixa.

Apaixonado pelo ofício, Sebastião tem consciência de que o futuro da profissão está comprometido devido à concorrência com os novos profissionais. Também já não há mais um interesse por parte dos mais velhos em passar seus conhecimentos para os novatos, uma vez que estes chegam ao mercado preparados por cursos de cabeleireiros e prontos para lidar com as novas tecnologias na área. O barbeiro diz que os clientes de hoje estão muito mais exigentes, ao contrário de como era antigamente, quando eles

gostavam de cortar o cabelo baixinho e buscavam uma aparência séria e formal.

Embora seja um profissional de renome, as grandes filas que se formavam às portas das barbearias já não existem mais. Além do “boom” dos salões de beleza, que trazem técnicas cada vez mais atrativas, as modernas lâminas de barbear permitem que qualquer um possa fazer a barba sem sair de casa, contribuindo para diminuir a demanda pelo serviço desses profissionais. É mais vantajoso realizar o processo em casa, sem custos e sem a necessidade de esperar para ser atendido, do que se deslocar até uma barbearia. – O barbeiro se tornou um profissional antiquado. As pessoas acham que é coisa de velho, diz Clóvis Souza, dono de outra barbearia da rua.

Souza, como é chamado, trabalhou durante alguns anos no Odeon, quando era aprendiz. Ele explica que a maioria das técnicas que utiliza aprendeu com Waldi, um dos mais experientes na época.

Há seis anos, o barbeiro trabalha sozinho em um espaço próprio, onde atende diariamente um bom número de clientes. – A maioria dos meus clientes são alunos e funcionários da UFRGS. Quando se aproxima o fim do ano, perco vários deles, mas logo que o ano recomeça, outros passam a freqüentar a barbearia e o ciclo se renova, explica.

Sobrinho de barbeiro, Souza fez o curso para aprender a arte do corte de cabelo e barba por incentivo da mãe. Ele conta que até hoje alguns dos clientes fixos são os mesmos que ele atendia na época em que estava recém terminando o curso, há 18 anos.

O barbeiro lembra a data exata em que cortou o cabelo do seu primeiro cliente: 6 de dezembro de 1992. Como todo iniciante, Souza recorda que era muito inseguro e que várias vezes cogitou desistir da profissão. Por incentivo da família e dos amigos, persistiu. O retorno financeiro também contribuiu para que seguisse sua trajetória. Ele relembra uma situação inusitada, no começo da carreira, quando pegou um cliente que tinha um cabelo bastante difícil: – Eu não tinha muita prática e cortei o cabelo dele como consegui, mas ficou meio arrepiado. Quando acabei, ele nem disse nada, só levantou, pagou e sentou na cadeira ao lado, para que meu colega fizesse o trabalho novamente, lembra.

Em outra ocasião, Souza cortava o cabelo de um cliente com a máquina e faltou luz. – Consegui cortar só de um lado. Quando faltou luz, acendi uma vela e terminei o trabalho à luz de velas. Fiz o que pude com a tesoura e disse para ele voltar no dia seguinte que eu arrumaria o que fosse necessário, explica o barbeiro.

Diferente de Sebastião, Souza diz que o fato de hoje existirem muito mais cabeleireiros do que barbeiros no mercado não o assusta. Além de ter um bom número de clientes que o procuram por conhecer o seu trabalho e acompanhar a sua trajetória, ele diz que é muito mais fácil cortar um cabelo agora do que antigamente. Segundo Souza, antes o cliente vinha uma vez por semana arrumar o cabelo. Hoje, essa média cai para uma vez a cada mês. – Hoje, é só o cliente chegar aqui com uma foto do cabelo que ele quer, e eu faço igual. O cliente não é mais exigente como antes. Ele não quer mais o tradicional corte pente escorrido, ele quer um moicano, brinca.

Embora o número de cabeleireiros aumente a cada ano, algumas barbearias – como a do seu Sebastião e a do Souza – insistem em perseverar. São muitos os fatores que levam

Souza a seguir em frente com a ocupação que escolheu. O barbeiro diz que uma das coisas que mais gosta é que ser barbeiro não é um emprego, mas sim uma profissão. Trabalhando sozinho há mais de 10 anos, ele explica os motivos que o levam a gostar do que faz: – A liberdade de trabalhar sozinho, sem patrão, o bom salário diante do mercado e o vínculo de amizade que eu crio com meus clientes são os maiores incentivos que eu tenho nessa profissão.

Mas não foram só pelas mãos habilidosas do seu Sebastião que passaram os clientes ilustres. Souza também teve a oportunidade de atender algumas celebridades. Além do poeta Mário Quintana, também passaram pela cadeira do barbeiro o músico gaúcho Bebeto Alves, o chargista Sampa e o ex-jogador do Inter Diogo Rincon.

Enquanto converso com Souza, ele apara a barba de um dos clientes. Ao mesmo tempo, outros dois

aguardam para serem atendidos. É interessante observar que ambas as barbearias conservam traços que lembram os antigos salões do interior, acostumados com a freguesia diária que fazia do local um ponto de encontro para colocar a conversa em dia. As pessoas passam em frente e param para conversar alguns minutos com o barbeiro. Falam de futebol e de outras trivialidades. Comentam o cabelo do cliente que está na cadeira do barbeiro. Todos parecem se conhecer e fazem brincadeiras uns com os outros como se fossem velhos amigos. A barbearia conserva em si um clima de descontração. Não existe entre barbeiro e cliente uma relação impessoal. Estabelecem-se ali laços de amizade.

Face ao gradativo sumiço desses profissionais cheios de tradição, ficam as memórias saudosas desses mestres do ofício da barbearia, que passavam de geração para geração seus conhecimentos, e que hoje ficam guardadas nas lembranças dos mais antigos.



Apesar da concorrência dos grandes salões beleza, o barbeiro Clóvis não se intimida

## FRUTEIRO



# Frutas no asfalto

Atentar para as banquinhas de frutas na calçada parece uma realidade distante, quem dirá prestar atenção em quem está atrás dela

**Texto e fotos** *Marcela Prestes*

Vida agitada. O carro como principal meio de transporte. A facilidade oferecida pelos grandes supermercados. Esses são alguns dos motivos que nos levam muitas vezes a ignorar as bancas de frutas que estão espalhadas pela cidade. Muitas vezes; não sempre. Existe uma clientela fiel que procura as banquinhas da vizinhança na hora de comprar frutas e legumes. De acordo com a Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), existem hoje 45 bancas de hortifruti funcionando legalmente em Porto Alegre.

Seu Roberto, 70 anos, há cinco trabalhando como vendedor de frutas, é um exemplo de popularidade entre os fregueses. Sua pequena banca está situada

na Rua Carazinho, bairro Petrópolis, em Porto Alegre. Os moradores da região o conhecem e param para conversar, mesmo quando só estão ali de passagem. Segundo ele, o trabalho na banca não é exatamente uma fonte de renda, e sim, "um passatempo para velho", já que o principal sustento vem da aposentadoria que recebe do INSS.

A profissão que Seu Roberto exerceu durante boa parte da vida foi a de jardineiro. Já aposentado, surgiu a oportunidade de cuidar da banca de frutas do filho, que trocou a vida de autônomo por um emprego de carteira assinada como motorista. Ele explica que o dinheiro que ganha com a venda dos alimentos serve para os gastos do dia a dia e para

a reposição do estoque. Para manter a casa, que divide com a companheira, a aposentadoria de ambos é suficiente.

Todos os dias, seu Roberto sai do Jardim do Salso – onde mora – por volta das 8h da manhã, rumo ao local de serviço. A bordo do seu carro, uma antiga Marajó vermelha, ele percorre o caminho carregando as frutas e os legumes que irá vender. Distribui os itens sobre a banca, senta em uma cadeira de praia e aguarda o movimento começar. Mauro, o guardador de carros, está sempre por ali e muitas vezes o auxilia no atendimento aos clientes. Ao final da tarde, todos os produtos são recolhidos e Seu Roberto segue para a Ceasa.

(Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul), onde repõe os produtos que serão vendidos no dia seguinte. As exceções são às segundas-feiras, quando o abastecimento ocorre na madrugada, e aos sábados, quando Seu Roberto encerra as atividades ao meio-dia. Domingos e feriados são para o merecido descanso.

Seu Roberto não mantém “caderninho” e não vende fiado. Mas ele conta que, a fim de não criar inimigos, se um mendigo ou uma criança moradora de rua passa pela banca e lhe pede uma fruta, não nega: prontamente oferece uma banana ou uma laranja. Assim, acredita estar preservando sua segurança, uma vez que, ao longo desses cinco anos, nunca foi vítima de assalto ou qualquer tipo de violência. Para alguns clientes mais fiéis, o comerciante oferece serviço de tele-entrega. A encomenda é feita diretamente para o seu celular, e ele vai pessoalmente entregar, sem cobrar.

A aproximadamente 5 quilômetros de distância, na esquina da Avenida Independência com a Rua Garibaldi, outra banca de hortifruti comprova que existe, sim, uma clientela assídua para esse tipo de comércio. O proprietário é Fernando, 54 anos, natural de Camaquã. Morando em Porto Alegre há 23 anos, abandonou o trabalho na roça para vender frutas, legumes e verduras na capital. Primeiramente, teve uma banca na Rua Vigário José Inácio – centro da cidade – sendo remanejado alguns anos depois para o local onde se encontra atualmente.

Bastante comunicativo, Fernando demonstra a todo momento como é conhecido e benquisto pela vizinhança. A confiança depositada pelos vizinhos o levou a ganhar as chaves e o controle remoto da garagem do edifício em frente à banca para, se precisar usar o banheiro. Fernando faz poses para as fotos e mostra como descasca e conserva os legumes que serão vendidos. Cumprimenta os moradores das redondezas e faz brincadeiras.

Durante a semana, ele utiliza seu caminhão – o mesmo que diariamente vai à Ceasa e volta carregado para abastecer a banca – para fazer fretes e conta com um funcionário para fazer o atendimento no ponto de venda. Já nos finais de semana, Fernando atende com Luís, 20 anos. Funcionário terceirizado da Secretaria da Fazenda, Luís trabalha de segunda à sexta-feira como auxiliar administrativo e, há pouco mais de um ano, reforça a renda mensal com o trabalho de sábados, domingos e feriados na banca de frutas. Ex-estudante de Administração de Empresas, ele pensa em fazer um curso técnico na mesma área.



Jardineiro aposentado, seu Roberto considera a banca de frutas apenas um passatempo

Diariamente, Fernando e Luís saem da Grande Porto Alegre – Eldorado do Sul e Gravataí, respectivamente – rumo à Capital para trabalhar. Luís não é casado nem tem filhos, precisa do salário apenas para ajudar em casa e pagar seus estudos. Conta, ainda, com uma pensão do INSS, que perderá assim que fizer 21 anos. Fernando não tem mulher, mas paga pensão para o filho William, de cinco anos. Ele exhibe, orgulhoso, uma foto do rebento, que mantém pendurada na banca.

Assim como o seu Roberto, Fernando não tem um caderninho para “pendurar” as compras dos fregueses. Depois de levar muita calote, resolveu suspender a prática. Mas, ao contrário do colega do bairro Petrópolis, já foi diversas vezes vítima de assaltos. Ele conta que a banca costumava ficar aberta até a madrugada, a fim de evitar recolher diariamente os produtos expostos. Tarde da noite, os bandidos costumavam se aproximar e roubar a renda do dia. Devido à falta de segurança, Fernando foi obrigado a instalar uma porta estilo guilhotina na banca. Desde então, às 20h –

horário estabelecido como limite pela Smic para o funcionamento desse tipo de comércio – o expediente é encerrado e as frutas e legumes que sobraram são trancados para que o proprietário possa ir embora tranquilamente.

Tanto a banca do bairro Petrópolis quanto a do bairro Independência faturam mais durante a semana, quando o fluxo de pedestres é maior. Mesmo com o fraco movimento dos finais de semana, Fernando faz questão que a banca abra diariamente, inclusive nos feriados, das 8h às 20h. Apenas uma forte chuva pode impedi-los de trabalhar. O faturamento diário de seu Roberto é de aproximadamente R\$ 100. Já o de Fernando chega, frequentemente, aos R\$ 200. Esses valores são brutos, ou seja, não estão inclusos os gastos com fornecedores e não correspondem ao lucro. As perdas podem ser grandes: uma verdura que não seja vendida em um dia, dificilmente será no outro. O trabalho é duro, e o retorno financeiro não é alto. Roberto, Fernando e Luís são três trabalhadores brasileiros.

## PAPELEIRO

## Na contramão



Através da música, a realidade chama a atenção dos desavisados

**Texto e fotos**  
*Mônica Oliveira*

Às oito horas da manhã, uma melodia quebra a rotina da Zona Sul de Porto Alegre. Na contramão de uma das mais movimentadas avenidas da região, José Carlos Cartallano empurra seu carrinho em velocidade ritmada. Já habituado com os obstáculos da profissão de papeleiro, as subidas e descidas da Cavalhada, os pedestres, os carros, os ônibus, as calçadas, os postes, nada é problema para seus 59 anos de idade.

No embalo da Continental FM, companheira inseparável de trabalho, José Carlos atrai olhares. Em volume máximo, espalha música por onde passa. Vinda de um rádio alimentado por bateria de automóvel e preso embaixo do carrinho, é um alerta aos comerciantes da movimentada avenida. – Quando o pessoal escuta o som, já começa a separar o material para mim, observa José Carlos.

No dia a dia da profissão, a batida também se transforma em ritmo de trabalho: – Quando a música está mais agitada eu ando mais rápido. Assim eu me empolgo e vou fazendo o serviço.

## A rotina do trabalho

A chaleira vai para o fogo às 5h da manhã. O ritual do chimarrão é interrompido pouco antes das 6h, quando cede lugar à longa caminhada. No percurso, as avenidas Otto Niemeyer e Cavallada, além de outras ruas próximas. No total, quase cinco horas de trabalho e algumas pausas para o descanso acompanhado de um cigarro. O carrinho enche rapidamente. Muitos dos fornecedores o

conhecem há anos, e José Carlos faz questão de visitá-los sempre com um sorriso no rosto. No trajeto, cuidadosamente abre e fecha sacolas de lixo seco na busca de papéis ou garrafas de plástico. Para ele, a preocupação com a organização do material que fica na calçada é constante. – Assim ninguém me xinga e eu posso voltar outra vez sem preocupação, conclui o papeleiro, que também para na faixa de segurança, dá preferência aos pedestres e espera o fluxo de carros diminuir para voltar à pista.

A satisfação do dever cumprido chega às 10h30min, quando entrega todo o material coletado para uma recicladora. Ao longo do percurso, são recolhidos, em média, 80 quilos de papelão e 25 quilos de PET, que resultam em R\$ 30 diários. Quando questionado sobre o que faz durante o resto do dia, José Carlos responde em tom de obviedade: – Dou comida para as minhas galinhas e vendo os ovos. O que eu ganho já é o suficiente. Para que trabalhar mais?



De segunda a sábado, José Carlos puxa o carrinho na contramão da Avenida Cavallada; com o volume alto, chama a atenção e aumenta o ritmo de trabalho

## O trabalho da rotina

José Carlos é o resultado do corte de custos, da onda de terceirização de serviços. Por 30 anos, trabalhou para uma congregação religiosa com diversas escolas em Porto Alegre; era auxiliar de serviços gerais. Um dia, sem muita explicação, viu sua função tornar-se posse de outra empresa. Com o valor recebido pela demissão, comprou uma casinha na Vila Nova, um cavalo e uma carroça para o sustento. A nova ocupação durou apenas três anos, pois o cavalo morreu de tétano. O carrinho, antes chamado carroça e puxado por tração animal, há um ano tem um guia humano e solitário. – Eu já me acostumei com o trabalho e vou seguir até o dia que eu não conseguir mais. A gente tem que fazer alguma coisa, não pode parar, explica.

O carrinho, assim como um dia foi a carroça,

é sinônimo de autonomia. Apesar de não ter um chefe e regras pré-estabelecidas, José Carlos criou a própria rotina; de segunda a sábado, garante o sustento com disciplina nos horários. O único impedimento acaba sendo a chuva, que dificulta a caminhada. Neste caso, ele aproveita para tirar folga e passar o tempo como gosta. – Se estiver chovendo muito eu ligo a televisão e faço questão de aproveitar o dia, conta com entusiasmo.

Em doses homeopáticas e esparsas, sob o ritmo de intercalados passos lentos e rápidos, José Carlos se revela. Foi através da criatividade que o papeleiro descobriu uma forma de se destacar na profissão. Com o carrinho contra o peito e o fundo musical potente, ele foi na contramão do que convencionalmente chamamos “seres invisíveis”. Ao ligar o rádio, José Carlos faz muito mais do que chamar a atenção de quem lhe dá matéria-prima para o trabalho. O ritmo é uma isca para quem passa

desavisado, um alerta para denunciar a realidade. É um chamado para o que não queremos ver ou para o que já nos habituamos a não enxergar. A música é o passaporte de José Carlos para o mundo dos visíveis, onde é possível receber cumprimentos, sorrisos ou, simplesmente, um olhar mais atento.

Seres invisíveis estão à margem. A invisibilidade social é resultado da importância atribuída à profissão e à posição social em detrimento da personalidade. Seres invisíveis são percebidos em grupo, com desprezo à individualidade. Seres invisíveis não estão representados na mídia, pois incomodam a consciência, não são alvo da política, pois muitos sequer podem votar. Resumem-se a um número que se quer reduzir, a uma imagem que se quer apagar.

José Carlos Cartallano aumenta o volume e segue na contramão.

ARTISTA DE RUA

# Claves, semáforos e consciência política

A vida e o trabalho pelos olhos de uma artista de rua

**Texto** *Conrado Barreto*  
**Fotos** *Rafael Ferreira*

**C**aminhando pelas avenidas mais movimentadas de Porto Alegre, é bem provável que você veja um tipo bem peculiar de profissional. Mas entre ver e reparar existe certa distância. Semáforo sim, semáforo não, aparecerão pessoas executando alguma performance artística. Com bolas de tênis, claves, calotas velhas ou quaisquer outros objetos se tenta fazer alguns trocados no espaço de tempo de um sinal vermelho.

Uma dessas pessoas que você provavelmente vê, mas não repara, é Joana Lua. Digo “não repara” porque visualmente ela pouco se destaca dos outros artistas de rua. Talvez a primeira sensação estranha sobre ela venha no momento em que se encerra o seu curto número. Ela agradece e se retira, sem bater nos vidros dos carros para esmolar uma moedinha:

– Quem quiser que contribua, não preciso de ajuda.

Esse e outros gestos e sorrisos fariam com que qualquer observador mais atento tentasse conhecer essa artista que realiza pequenos números a sua frente. Com isso, descobrir porque essa moça parece mais satisfeita em seu trabalho do que muitas outras pessoas que vagam por aí com a segurança de uma carteira assinada. Mas caro leitor, não se preocupe, se você não pertence ao grupo dos abelhudos e bisbilhoteiros, nas próximas linhas você terá a chance de conhecer um pouco da vida de Joana Lua Gianastácio, artista independente.

## Um dia com família e trabalho

Aos 27 anos, Joana tem três filhos: Vanessa (11 anos, filha do primeiro casamento e que mora com o pai), Calev (4 anos) e Gaia (um ano e meio). Às 6h, o companheiro de Joana acorda para trabalhar. Ela prepara o café para o marido e para os filhos menores, que levantam-se em seguida. Após levar os pequenos para a escola, Joana finalmente pode se preparar para o trabalho. Ela arruma o material, pega um livro e se dirige ao ponto de ônibus. Do Rubem Berta ao Centro, a viagem pela freeway leva aproximadamente 30 minutos. O local de trabalho depende de uma série de variáveis: dia da semana,

horário, posição do sol, ou mesmo a existência de outro artista ocupando o lugar escolhido.

A maquiagem e a performance variam de acordo com os contextos político e social.

– Chego ao semáforo, alongo e, dependendo do que esteja acontecendo à minha volta, decido como será minha pintura, meu modo de agir e a rotina que vou usar no semáforo (...). Nesta época de loucura (estávamos próximos de um feriado), quando o pessoal gosta de beber antes de dirigir, ou mesmo enquanto dirige, eu finjo estar bêbada e tudo mais, para remeter meu trabalho à realidade.

Ao término de cada sinal vermelho, Joana se depara com inúmeras variações de comportamento – alguns amistosos, outros nem tanto. Confessou que já saiu chorando da faixa de pedestres por ouvir o que classificou como “besteiras”, em seguida contou de pessoas que choraram de emoção ao ver seu trabalho.

– Uma vez, um motoqueiro parou e veio falar comigo e meu companheiro. Ele disse: “por um minuto, vocês me fizeram esquecer todos os meus problemas”.

Após um dia mais ou menos cheio de aventu-

ras (e agrupando algumas histórias para contar), a artista volta para casa. Pega os pequenos na escola e, como toda a mulher que trabalha, volta a ser mãe. Faz a janta, brinca, conta histórias (lidas ou inventadas) até a hora de dormir. Esse seria um dia andando nos sapatos de Joana Lua.

As segundas-feiras, ela faz trabalho voluntário nas escolas da sua comunidade. Nos fins de semana, ela e o marido se apresentam juntos. Ela cursa o EJA, pois interrompeu o Ensino Médio na primeira gravidez. Treina seus números em casa para concorrer à uma bolsa em um curso de *clown* (palhaço). Na verdade, o interessante em citar essas pequenas coisas que fazem parte da sua rotina é, justamente, mostrar o quão normal pode ser a vida de alguém que vive à margem.

## Mas e o dinheiro?

Sem querer desmerecer a parte bela da coisa, um dia inteiro de trabalho não pode ser bem pago se o seu esforço não tiver rendido algum fruto mais palpável. Além do mais, quem, entre as pessoas que já pensaram sobre o assunto, não ficou se fazendo perguntas como “tá, mas quanto esse cara tira num dia?”.

Em função dessa curiosidade (a qual, confesso, também me incomoda), criei o costume de interrogar pedintes, artesãos e artistas de rua. Nessas tentativas, ouvi histórias tão diversas que seria impossível afirmar com certeza um valor em dinheiro. De míseros R\$ 10 até o caso de uma senhora que afirma ter pagado a faculdade da filha, na PUCRS, com o que conseguiu pedindo esmolas no trem de Porto Alegre (estação mercado). Se você, leitor, tem essa curiosidade também, saiba que hoje seus problemas não acabaram. Se por verdade ou reserva, não posso dizer ao certo, Joana afirmou (e reforçou) que não poderia fornecer uma média segura de quanto, em dinheiro, ganha em seu trabalho. Contou de situações em que voltou com quase nada nos bolsos e de uma vez em que ganhou R\$ 50 de uma só pessoa.

Tendo ou não se reservado o direito de manter segredo de suas finanças, Joana tem uma opinião muito peculiar sobre a relação entre seu trabalho e a recompensa do público.

– Estou ali apresentando meu trabalho, minha expressão e, de uma forma, me doando também, por isso às vezes é muito melhor um muito obrigado e um sorriso do que uma moeda com as palavras ‘é só para te ajudar’, pois não acredito que ao dar uma moeda você realmente possa estar ajudando alguém.



Joana demonstra o número que treina para concorrer à bolsa no curso de *clown*

“Dentro de minha rotina encontro tempo para estudar, brincar com meus filhos e até mesmo ficar sem fazer nada.”

## Por que ser um artista independente?

Muitas pessoas fazem esse tipo de trabalho por falta de oportunidades melhores (ou simplesmente de quaisquer oportunidades). Deixando de lado os motivos convencionais, ao trocar algumas frases com Joana, percebe-se que não se trata de alguém com pouco estudo. Fica evidente o domínio que possui da língua portuguesa, tal como a bagagem cultural da moça (que causaria inveja na maioria dos estudantes universitários). Sempre carrega um livro consigo, tem opinião pessoal (mais do que plausível e embasada) sobre as questões políticas e sociais que a cercam. Conversa sobre economia, poesia, pensadores, religião e uma série de outros assuntos, que (perdoem-me pela opinião pré-conceituosa) não se espera que alguém que faz malabarismo na sinaleira domine.

Contudo, não possui Ensino Médio completo. Curioso, não? Aqui vai a explicação: Joana, filha de livreira, passou a vida lendo. E continua lendo. Trabalhou (após o nascimento da primeira filha) também como livreira. Viajou e conheceu a vida em alguns lugares do Brasil e da América Latina. Com uma vida tão ligada ao conhecimento e ao trabalho, definiu o que seria uma profissão ideal para si. Segundo a artista, o operário necessariamente é explorado pelo sistema. O trabalho é desgastante e mal remunerado. Não sobra tempo nem dinheiro para lazer de qualidade.

Hoje, a palavra que guia a vida de Joana é “liberdade”.

– O mais importante a meu ver é que se preciso ficar com meus filhos posso fazê-lo sem

correr o risco de perder meu emprego”. Por coincidência, Joana estava passando a semana em casa quando foi entrevistada. O motivo: a pequena Gaia estava doente sem poder ir para a escolinha. Quando questionada sobre estar parada em casa, ela ainda completa: – Claro que se eu não trabalhar não ganho nada, mas posso administrar meu tempo. Dentro de minha rotina encontro tempo para estudar, brincar com meus filhos e até mesmo ficar sem fazer nada.

É claro que um trabalho como esse dificulta o ato de fazer planos para o futuro. Hoje a família trata de gerar uma poupança, para cobrir despesas imprevistas e emergenciais, como uma eventual licença médica que um trabalhador com carteira assinada teria direito. Obviamente os empregos informais não recebem essas “regalias”. Conta-se só com o próprio trabalho e reservas. Fica-se completamente à mercê das condições do tempo, época do ano, capacidade de trabalhar etc.

Mas ao colocar em uma balança todos os pontos negativos que o senso comum nos fornece e, do outro lado, os ideais e características tão peculiares de Joana, fica mais fácil compreender a satisfação com a qual ela conta de sua vida profissional. Sendo livre para ir e vir. Livre para cuidar de sua família. Livre para trabalhar mais ou menos, de acordo com sua necessidade e disposição. Ou mesmo livre para, se quiser, tentar a vida em outro estado ou país (levando consigo sua forma de sustento), como já fez outras vezes.



